Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3611unse_0

no XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1960 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Advento do Missionário . . . . *Cairbar Schutel*
O Espiritismo no pensamento de antigos Padres . . . . . *Delfino Ferreira*
A Bíblia Sagrada . . . . . *Philemon*
Serões Bíblicos — IV . . . . . *Luiz Caramaschi*
A Mulher na Antiguidade e na Igreja *Mário Cavalcanti de Mello*
«História do Espiritismo», de Conan Doyle . . . . . *Deolindo Amorim*
Passará o Espiritismo por uma Derrota Vitoriosa? . . . . . *V. O. Casella*
Para onde vai o Espiritismo . . . *Trad. de Arnaldo S. Thiago*
Mais um Traque Anti-Espírita . . *Mac Maynard*
Dogmas de Fé ou de Ciência impedem o progresso humano . . . *Irmão Saulo*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 130,00, e mais Cr. $ 6,00 pára o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 25,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 160,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal

---

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 30,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1960 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Advento do Missionário

Cairbar Schutel

OI numa época semelhante à nossa em que a humanidade havia descambado para o terreno acidentado do fanatismo, da superstição e do materialismo, que o Céu se fez ouvir pelo seu maior Expoente, pelo seu mais lídimo Emissário.

Foi nessa época que se encarnou entre nós o Grande Espírito que chamamos — Jesus Cristo.

Enviado com determinada Missão, o Divino Messias desde o seu nascimento manifestou poderes superiores, que O exalçaram aos olhos dos que O cercavam.

Todos êsses fatos tidos como miraculosos pela ignorância popular e pelo autoritarismo clerical, eram provas objetivas dos atributos do Espírito, magnificamente sintetizadas no Grande Enviado !

A Palavra do Cristo afirma a Vida ultra-tumba, a existência do homem após a transição que chamamos — MORTE.

Para os espíritas a Vida de Jesus é um prodígio que assombra. Não consta na História que homem algum, gênio ou missionário, O igualasse em saber e em virtude. Figura inconfundível no cenário mundial, a sua Personalidade se destaca altamente de todos os que O precederam e sucederam; de seus olhos irradiavam tôdas as carícias para os desgraçados, os infelizes, os párias e maltrapilhos que O seguiam cheios de esperança, envoltos no seu amor imenso.

Jesus Cristo é, na verdade, o grande Embaixador do Supremo Criador que praticou a Vontade Divina. Na sua presença, sob a ação de suas mãos misericordiosas, os enfêrmos se restabelecem, os cegos vêm, os surdos ouvem, os paralíticos andam, os leprosos ficam limpos. Tão grande é a sua Sabedoria e o seu poder que até os próprios elementos da natureza Lhe obedecem. E ao lado de todo êsse testemunho de Poder, de Sabedoria e Amor, o Meigo Nazareno se desdobrava em incessante atividade, expondo a todos que O seguiam a Sua Palavra de Luz e de Caridade, que vibra nas almas e embalsama os corações aflitos. No seu Ensino Oral, Êle deixa de lado o Dogma e o Mistério, que confundem e não edificam, e expõe a Sua Doutrina com singeleza e humildade, ao alcance de tôdas as inteligências. Os sábios usam de termologias para confundir as massas, os filósofos longomáquios e incongruentes nos seus discursos. Jesus foi a concisão, a lógica, o critério e a Verdade. Por isso a sua Doutrina é o Caminho que devemos seguir, a Verdade que devemos abraçar. Os seus Ensinos ultrapassam a todos os ensinos pedagógicos. Para que a sua

Doutrina fôsse compreendida por todos, Êle propunha parábolas, citava alegorias, fazia comparações ; descrevia a natureza, suas fôrças ; mostrava-lhes os campos, as montanhas, os mares, os ventos ; falava-lhes das plantas, das flôres, dos frutos, das sementes, dos animais, dos pássaros, do homem. Não há uma só coisa, um só ente na terra de que Jesus não se tivesse servido para com êles comparar a Excelsa Doutrina que Êle veio pregar.

A tarefa de Jesus, pelo que se depreende dos Evangelhos, foi despertar o homem, fazê-lo abrir os olhos e lhe ensinar a Verdade da Vida Eterna, a vida do espírito independente do invólucro material.

Durante 40 dias após sua crucifição, Jesus apareceu aos seus discípulos e na Câmara Alta em forma sòlidamente materializada, com o objetivo de convencer o céptico Tomé, e nessa forma materializada, Êle incluiu as feridas produzidas pelos cravos e a resultante pela lança do soldado romano. Em seguida Jesus chamou o incrédulo discípulo e disse : «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos ; chega também a tua mão e põe-na no meu lado ; não sejas incrédulo, mas crente».

Tomé, tomado de assombro, caindo de joelhos, respondeu :

«Senhor meu e Deus meu !»

—

O Espiritismo no pensamento de antigos Padres

Escreveu DELFINO FERREIRA

(Conclusão)

Ensina a igreja ser êste um conjunto de dois elementos : corpo e alma. Morto o primeiro, volve ao pó ; quanto ao segundo, a alma, libertada, vai a julgamento consoante o qual é levada ao céu ou ao inferno, passando, no primeiro caso, por transitória estada no purgatório.

Morto, pois, o corpo, veículo da alma, seu único instrumento, como poderá ela se nos apresentar ? Talvez por isto a afirmação de que os mortos não voltam. Todavia, vimos que voltam e se nos apresentam como os conheciamos aqui.

Voltando, então à aparição de Pio X ao Cardeal Paceli, raciocinemos :

Como se poderia ter dado ? Dois quadros oficiais da igreja reproduzindo-a junto ao leito de enfêrmos nos mostram a veneranda figura do falecido Papa tal como conhecido na terra. A mesma fisionomia ; idêntica estatura. Ora, como de muito o corpo carnal já não existia, não foi com êle que ela se operou... Com apenas a alma, também não, dado não ter forma, ser invisível, impalpável, face à sua imponderabilidade. Não obstante Pio X apareceu. E nós espiritistas o admitimos sem nenhuma dúvida, mas sem interferência de qualquer milagre, de algo sobrenatural ou maravilhoso, coisas que o Espiritismo recusa totalmente. Apareceu e a Igreja o reconheceu e, em conseqüência o canonisou. Como explicar, porém ?

Sabemo-lo nós, espiritistas. E o sabem, igualmente, teósofos, supermentalistas, rosa-cruzes, budistas, etc., etc. : Pio X como qualquer outro «morto» o pôde fazer, apresentou-se, alma ou espírito que é, com seu corpo natural, fazendo-o visível ; êsse CORPO DA ALMA, que S. Paulo denominava CORPO ESPIRITUAL, CORPO DA RESSURREIÇÃO, e a que o Espiritismo designa por PERISPÍRITO.

As aparições são, pois, fenômenos naturais, uma das formas da impròpriamente chamada materialização do espírito, dado que o é do Perispírito. Elas certificam a estruturação dual da alma e trina do homem. Trina na forma sintética, mais simples, do Espiritismo.

Certo é, pois, que sem êsse corpo etéreo as aparições não seriam possíveis, de vez não poder, então, o Espírito realizar qualquer forma de manifestação. Nem poderia tomar corpo, ou seja, encarnar-se, uma vez ser êle o élo indispensável de ligação do espírito à matéria — como a compreendemos ge-

ralmente. Daí a constituição ternária do homem no conceito espirítico: Espírito, Perispírito e Corpo (físico).

A existência dêsse corpo, todavia, não é uma inovação do Espiritismo: a existência de um elemento plástico mediando entre alma e corpo, tão opostos entre si face às condições extremas de *estado* em que se encontram, cedo se fez sentir à inteligência humana. Daí filósofos, cientistas, homens outros de pensamento se sucederam porfiadamente na especulação do problema, concluindo pela necessidade da existência, absolutamente indispensável, do dito mediador plástico, que é, pois, o CORPO DA ALMA a que acabamos de referir. O Novo Testamento, aliás, fala nele, como vimos. Igualmente alguns ilustres Padres desde os primeiros séculos.

São Paulo escreveu em sua 1.ª Epístola aos Coríntios :—«*Semeia-se o corpo animal—ou corruptível—ressuscitará um corpo espiritual*» (15:44). E na 1.ª aos Tessalonicenses reconhece o ternário humano: Espírito, alma e corpo; correspondendo «alma» ao corpo espiritual, ou da Ressurreição, o perispírito do Espiritismo. (5 : 23).

S. JOÃO, de Tessalônica, no Concílio de Nicéia, assim se expressou: — «*Sôbre os anjos, os arcanjos, as potências e sôbre as almas, a Igreja DECIDE que êsses seres são, na verdade, espirituais, MAS NÃO COMPLETAMENTE PRIVADOS DE CORPO, ao contrário, dotados de um corpo aéreo, tênue, ou ígneo. NÃO HÁ SENÃO DEUS, UNICAMENTE, que seja incorpóreo e sem forma. Quanto às criaturas espirituais não são de modo algum incorpóreas*».

Santo Agostinho em carta a Nebrido, escreveu: — «*Faz-se mistér não esqueceres de que muitas vêzes discutimos exaltadamente êsse problema de saber-se se a alma tem ou não por morada alguma espécie de corpo, ou coisa análoga a um corpo, a que certas pessoas denominam o seu veículo*».

Outrossim, respondendo consulta, a respeito, apresentada pelo Bispo Evódio, de Uzala, escreveu:—«*Acredito, portanto, que a alma não pode existir sem corpo algum*».

S. Cirilo, de Jerusalém, afirmou: — «*Tudo o que não possúe um corpo denso, pesado, é, de um modo geral, denominado ESPÍRITO*». E atribuiu, quer aos anjos, quer aos demônios, quer às almas dos mortos, corpos mais sutís que o corpo terrestre.

TERTULIANO, em sua obra «*De Carne Christi*», cap. VI diz: «*Os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que se pode transfigurar em carne humana; êles podem,* por um certo tempo, *tornar-se perceptíveis aos homens e com êles comunicar-se visìvelmente*». A propósito vale aqui citar, do Velho Testamento, o livro «TOBIAS», onde se lê haver o anjo Rafael se apresentado como um rapaz ao jovem filho de Tobias, com êle viajado e o ajudado em determinado encargo paterno.

Outros venerandos nomes poderíamos aqui alinhar, dêles trazendo substancial testemunho: S. Bernardo, S. Basílio, S. Justino, por exemplo.

Demonstrada, pois, a existência do corpo etéreo, ou seja do PERISPÍRITO, cuja função primordial é permitir à alma agir sôbre a matéria, e, daí, possibilitar seguramente a comunicação entre mortos e vivos, TODOS OS DEMAIS fenômenos espiríticos ficam, por sua vez, comprovados. Igualmente o problema da REENCARNAÇÃO, porquanto não haveria explicação lógica para a sobrevivência da alma, certo como é não atingirem tôdas, numa só existência terrena, o mesmo nível de desenvolvimento moral e intelectual, oferecendo ambos incomensurável desigualdade. Sómente a sucessividade das existência no plano físico poderá permitir atinjam tôdas o máximo de evolução, tanto mais quanto inùmeras experiências só no plano material podem ser adquiridas.

Foge, todavia, ao nosso objetivo defender aqui a tese. Propomo-nos tão só a reviver como pensavam vultos imponentes dos primeiros tempos do Cristianismo.

Assim, vejamos: —

S. GREGÓRIO, DE NICE:—«*A alma imortal deve ser melhorada e purificada; se não o foi na sua existência terrena, o aperfeiçoamento se opera, nas vidas futuras e subseqüentes*».

ORÍGENES: — «*Pois não é mais consentâneo com a razão que a alma, por certas causas misteriosas seja introduzida num corpo, e isto segundo o seu mérito em ações anteriores?*» (Isto o escreveu êle em sua obra «*Contra Celso*»

baseando-se na opinião de Pitágoras, Platão e Empédocles, sempre citada por aquele seu antagonista). O Abade Bérault-Bercastel, em sua «*História da Igreja*», referindo-se a ORÍGENES, para quem «*a justiça de Deus deve-se patentear em tôdas as coisas*», disse que na opinião dêsse doutor da igreja, «*por mais grave que seja a queda do homem, ao espírito culpado apenas obriga a recomeçar novas existências, quer neste mundo, quer noutros*, (e temos aqui o seu reconhecimento da pluralidade dos mundos habitados) *até que exausto de sofrer se submeta à lei do progresso e se modifique*». (Conseqüentemente, sem penas eternas, podendo-se, pois, configurar nessa forma de redenção o inferno).

S. JERÔNIMO, referentemente ao caso de Esaú e Jacó, (Gen. 37) disse em carta a Arito:—«*Se examinarmos o caso de Esaú, acharemos que foi condenado por causa de seus pecados antigos, de pervertida existência anterior*». De igual modo pensava ORÍGENES, opinando:—«*Não achamos injusto que até no ventre materno Jacó suplantasse o irmão, se sabemos que era merecidamente amado por Deus, devido aos méritos da sua vida anterior*». Semelhantemente se refere êle a João Batista, «*cheio de Espírito Santo*» desde o ventre de Isabel, sua mãe.

Realmente, de outra forma, isto é, sem um mérito pré justificado, teriamos Deus fazendo distinção de pessoa, contràriamente ao que da lei compreendeu e ensinou S. Pedro (At. 10:34).

Finalmente, para não nos alongarmos mais, citemos apenas mais um testemunho, dos mais valiosos, aliás: TERTULIANO.

São palavras suas: — *Declare um cristão acreditar possível que um homem renasça noutro homem e o povo reclamará em grandes brados que seja lapidado. Entretanto, se foi possível crer-se na metempsicose grosseira, a qual afirmava que as almas humanas voltam em diversos corpos de animais, não será mais digno admitir-se que um homem possa ter sido anteriormente um homem, conservando sua alma as qualidades e faculdades precedentes?*»

Ficamos, pois, por aqui, ressalvando que pela restrição do campo de investigações imposta pelo tema que buscámos desenvolver, testemunhos outros, expoentes de outras crenças e idéias, aqui teriamos feito desfilar.

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— III —

No *segundo dia da criação*, o que simbòlicamente caracteriza a idade geológica da Terra, que se seguiu a da completa imersão do planêta no vasto lençol oceânico de que deveria estar inteiramente recoberto, determina Deus que «haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas» — isso porque tão espêssa devia ser a camada de vapôres de que se constituiria a atmosfera planetária, que esta, em núvens densas, descia até a superfície dos imensos oceanos primitivos, sob os quais jazia a Terra completamente oculta. Sendo essa a condição física do planêta, nos seus primórdios, claro que adviria mais tarde a separação, de cujos benefícios hoje co-participam todos os habitantes do globo e que a Bíblia registra nos seguintes têrmos: «E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que *estavam* debaixo da expansão e as águas que *estavam* sôbre a expansão: e assim foi. E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã o dia segundo». (Gen. I—6 a 8).

Da linguagem bíblica infere-se que a atmosfera terrena adelgaçou-se, elevando-se um pouco acima do elemento líquido, quando êste ainda recobria todo o geóide—o que evidentemente corresponde à legítima sucessão dos fatos verificados nas transformações planetárias que se deveriam ir operando. Se nessa segunda etapa a denominação de *Céus* é dada à parte atmosférica da Terra e não é mais usada na ampla acepção de Infinito Universo, isso acontece porque, de fato, a linguagem humana iria designar por Céus a cúpula azulada que *parece* à limitação dos nossos sentidos, firmar-se nas extremidades circu-

lares do horizonte, cujo centro sempre ocupamos...

Já na terceira etapa dessas transformações, vemos a Bíblia assinalar, mui procedentemente, ainda de acôrdo com a sucessão natural dos fatos geológicos: «E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a *porção* sêca: e assim foi. E chamou Deus à *porção* sêca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares: e viu Deus que era bom. Disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente *está* nela sôbre a terra: e assim foi. E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente *está* nela conforme a sua espécie: e viu Deus que era bom. E foi a tarde, e a manhã, o dia terceiro». (Gen. I—9 a 13).

Cientìficamente se acha comprovada, pelos dados que a Geologia nos fornece, a asserção bíblica relativa à formação dos continentes e de todos os acidentes geográficos que constituem a parte sólida da superfície planetária. Tôdas as extensões territoriais sôbre a superfície do planêta, hoje habitáveis pelos vegetais e animais terrestres, estiveram em tempos remotos cobertas pelas águas, de cujo pélago foram emergindo, em virtude de tremendas convulsões telúricas. Ainda hoje, por vêzes, do seio das águas surgem ilhas de formação vulcânica. É êsse — o da emersão lenta e sucessiva dos continentes e das ilhas, do profundo seio dos oceanos — um conceito científico trivial, a cujo respeito não há mais possibilidade de discussão, como, também, não é possível mais desconhecer-se que, após essa emersão, a terra começou por produzir *erva verde,* isto é, vegetação rasteira, entre a qual pode-se perfeitamente incluir os liquens, os musgos que primitivamente revestiram a face do planêta, posta assim a descoberto, até adquirir as condições de fertilidade necessárias, graças à formação da terra vegetal, por efeito do aparecimento e conseqüente destruição de sucessivas camadas daqueles primitivos elementos vegetais de que eram recobertas as rochas arqueanas, para que lhe fôsse possível promover a germinação de outras espécies vegetais que iriam culminar nas grandes árvores que formaram as densas florestas do período carbonífero, bem como as árvores frutíferas que o homem, desde a mais remota antiguidade, aprendeu a cultivar, em muitos casos conseguindo fazê-las produzir melhores frutos, sem contudo — o que é digno de nota! — conseguir qualquer modificação na espécie, pois que ameixeira enxertada em pecegueiro, não se transforma em pecegueiro, mas continua sendo ameixeira e dando ameixa...

Isso prova exuberantemente que o aparecimento do reino vegetal se fez por efeito da Vontade de Deus, repetindo-se nêsse domínio, como ver-se-á repetir no momento da criação dos animais, o mesmo processo misterioso do *«Fiat-lux»*, tão desprezado e ridicularizado pelos grandes sábios da ciência materialista sem Deus, mas ao qual ainda outra coisa não puderam acrescentar mais do que teorias palavrosas, que coisa alguma explicam, pois que até hoje a ciência não conseguiu saber o que foi que primeiro nasceu: a semente ou a árvore, o ôvo ou a ave...

Cultivemos, portanto, a ciência com humildade, aquiescendo sempre em nos submetermos à Divina Vontade que nos vai permitindo conhecer, par e passo com a nossa evolução moral, os segredos que o Pai não nos oculta àvaramente, mas apenas os vai condicionando às nossas possibilidades de boa aplicação, para que não Lhe demos o desgôsto de se ver compelido a abater o nosso orgulho, destruindo tudo o que fazemos sem a sua permissão, como sucedeu simbòlicamente com relação à tôrre de Babel, mas como realmente aconteceu com relação às orgulhosas civilizações egípcia, assíria, azteca, quichua, maia... e pode suceder a esta da era atômica, se o HOMO SAPIENS não se curvar humildemente às advertências do Cristo, pondo em prática os seus eternos e salutares ensinamentos.

Foi por isso que «ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De tôda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás...» cuja interpretação, se nos for permitido, procuraremos dar, ao chegarmos a essa altura das Santas Escrituras. — **PHILEMON**

Serões Bíblicos - IV

Redator: LUIZ CARAMASCHI

A Sabedoria é finita

Chilon — Não tendo dormido bem à noite, por causa da excitação que os pensamentos me causaram, fiquei no outro dia até tarde na cama. Eram onze horas quando fui ao banheiro lavar o rosto. Após o café saí à rua, dirigindo-me para os lados do Mar do Cubatão, também chamado Mar de Dentro. Procurei um êrmo, e, sentado numa pedra, pus-me a cismar.

Por que seria, dizia de mim para comigo, que Árago sustenta que o saber é finito ? Como finito ? quem imporá alguma limitação, um «*non plus ultra*» ? Êste há de ser o ponto sôbre que ouvirei Árago, esta noite.

Passei o resto do dia, ora no hotel, ora na rua, ansioso por que viesse logo a noite. Quando entardeceu, rumei para a praia, onde já me esperava o barqueiro que contratei para me transportar pelo braço de mar e pelo Rio das Minas até ao telheiro de Árago. Tanto que aqui cheguei, fui logo exclamando :

— Eis-me aqui, de novo, com minhas interrogações !

Dizendo isto descia da barca, estendendo a mão para cumprimentar Árago e dona Cornélia.

Cornélia — O senhor poderá, se quiser, passar a morar conosco, os dias que dispuser. Está de férias ?

Chilon — Gozo minha licença-prêmio, dispondo do tempo de seis mêses.

Cornélia — Nossa casa, em Cananéia, tem acomodações bastantes, que são usadas, pelos nossos filhos, quando nos visitam. Se o senhor quiser, poderá residir conosco, lá, pois já é finda nossa estada aqui no continente. Se gosta de coisas do mar, fique em nossa companhia. Não nos dará nenhum incômodo, visto que nossa vida é isenta de correrias. Meus serviços se resumem quase só em datilografar as coisas do Árago. Para os serviços domésticos dispomos de Anidra, que mora conôsco há muitos anos. Afeiçou-se a nós, e por isso nunca quis sair.

Chilon — Aceito o oferecimento, contanto que a senhora queira receber o quanto pago diàriamente no hotel.

Cornélia — Nada disso. O senhor fica intimado a ser nosso hóspede, ouviu ?

Após estas palavras de dona Cornélia, em tom imperativo, ditas com um sorriso acolhedor, nada mais pude fazer que erguer os ombros, em sinal de assentimento.

Árago — Eu já tinha dito a Cornélia que te convidasse a ficar conosco. Aqui terás mais oportunidade de conhecer a vida do mar. Gosto de um companheiro nos meus passeios, pescarias e caçadas. Sou um animal social, como já dizia, do homem, o velho Aristóteles ; vivo a contragosto minha solidão intelectual, entre pescadores que me querem bem, e no meio dos quais me sinto razoavelmente feliz. Mas tua vinda aqui me possibilitou abrir-me mais. Fica pois conosco, que isto nos fará bem.

Chilon — De acôrdo. Se me permitis, agora, propor-vos-ei uma questão que me azucrina desde ontem.

Árago — Que é ?

Chilon — Dissestes que o saber humano é finito, e eu desejaria saber onde fica e quem impõe essa limitação.

Árago — A coisa está, meu amigo, em que a evolução também é finita. A evolução para onde acaba a perfeição, e perfeição quer dizer funcionalidade. Tanto que um ser ou coisa preenche a sua função é perfeito, não podendo ir além. Dêste modo, cada ser ou coisa existe para preencher um fim. Preenchido êste fim, a evolução cessa. Vê que o martelo não passa do que é, por ser perfeito.

Chilon — Mas, e se o ser quiser ir além, evoluir mais ? os caminhos lhe estão barrados ?

Árago — Não. Os caminhos estão abertos para todos os lados, porém falta a impulsão interior, a motivação ; não há mais fim senão êste : preencher a função para a qual se está criado, com máxima sabedoria e perfeição.

Chilon — Para mim a evolução é infinita para todos os sêres, tendo todos

a mesma destinação. De outro modo haveria privilégios.

Árago — Toma bem nota do que disseste, que to vou arguir. Dize-me: todos os sêres, então, têm a mesma destinação?

Chilon — Sim, foi o que eu disse.

Árago — Suponhamos que o último destino de tôdos os sêres é o homem.

Chilon — Suposição aceita.

Árago — Logo, todos os sêres virão a ser homens?

Chilon — Sim essa conclusão se impõe.

Árago — Um cavalo, uma ave, um réptil, um batráquio, um peixe, tudo há de ser homem?

Chilon — Que dúvida?

Árago — E as bactérias, os micróbios, também?

Chilon — Também, por que não?

Árago — Presta atenção agora; vê se discorro com ciência. As bactérias, os micróbios, são sêres unicelulares. No começo da vida só havia dêsses sêres no seio das águas, a se reproduzirem por cissiparidade. Depois estas células descobriram que a união faz a fôrça, pelo que não se deviam mais separar as mães das filhas, e antes deveriam tôdas formar uma coletividade ou colônia de células. Uma vez formadas as colônias, as células começaram a desenvolver funções específicas, em razão do que ficaram tôdas dependentes umas das outras, não mais podendo separar-se. Foi assim que surgiram os sêres superiores, que são coletivismos celulares, nos quais as células têm funções especificíssimas. Não é assim?

Chilon — Perfeitamente, mas isto sabe a materialismo.

Árago — Materialismo por que? se quando eu digo «célula», tenho em vista, não aquilo que se vê no microscópio, mas o princípio espiritual, a consciência que anima, disciplina e guia aquele pouco de matéria que, ùnicamente por causa disso, se torna organizada?

Chilon — Afirmais então que a alma humana, com ser um coletivismo de almas celulares, não é um todo indivisível, uma como atmosfera moral, atômica, isto é, indivisível?

Árago — Responde-te por ti mesmo: a célula tem alma?

Chilon — Sim, é o princípio que a anima.

Árago — E quando uma célula se reparte em duas, reparte-se também a alma da célula mãe, para atender ao corpo da célula filha?

Chilon — Não. Penso que, nêste caso, u'a alma celular, quer dizer, uma célula ainda sem corpo, reencarna-se na célula filha. A coisa se dá assim: uma célula desencarnada se sintoniza ou acopla a uma outra encarnada, aumentando a potência e vitalidade desta última, pelo que a obriga a repartir-se em duas.

Árago — Logo, uma esponja-do-mar, antes de ser uma colônia de células visíveis, o é de células morais, as quais forçam as partes materiais a se reproduzirem, até que tôda a colônia tome corpo, não é assim?

Chilon — Esta é a conclusão da teoria por mim exposta.

Árago — E considerando que qualquer ser superior teve sua origem nos sêres coloniais, segue-se que esta regra vigora para êles também, não é?

Chilon — Sim, aceita a premissa, as conclusões se impõem.

Árago — Respondeste, tu, por ti mesmo, e a alma humana não é um bloco unitário, senão um coletivismo de consciências celulares. Tua conclusão foi dar em cima do princípio exarado n«A Grande Síntese» que diz ser tôda a unidade, ciclo ou princípio constituido de partes menores, no mesmo tempo que entra na composição de unidades, ciclos ou princípios maiores. Ora, se a alma é uma unidade, há de compor-se de unidades menores. Logo, a consciência humana é o produto de tôdas as consciências celulares que a constituem. Portanto, quando eu digo «*EU*», êsse «EU» é uma consciência coletiva, produto de todos os coletivismos menores que me constituem, não é mesmo?

Chilon — Exata conclusão da premissa científica, filha da observação dos fatos.

Árago — E tu disseste que cada célula se torna num homem, por evolução, não foi isso?

Chilon — Sim.

Árago — Se cada célula evolui para homem, e o homem é composto de células, segue-se que cada homem tornar-se-á numa humanidade tão grande que encheria o Universo. E se um homem se tornasse numa humanidade, então sua personalidade se desfaria. Mas se supu-

sermos que a personalidade humana é indestrutível, então o homem não se torna em humanidade, nem suas células se tornam homens. Portanto o limite de evolução das células não é o homem.

Chilon — Bem deduzido. Mas suponhamos que as células isoladas se tornam homens, e não as integradas em organismo.

Árago — Nêste caso a integração em organismo é prejudicial ao ser, por lhe impedir a evolução. Melhor seria, então, cada um viver isoladamente, e se bastar a si mesmo, como Robinson Crusoé. E como é que alguma coisa pode evoluir, senão pela diferenciação, primeiro, e integração, depois?

Chilon — Já percebi o absurdo. Então as células serão o que são, na indeterminação do tempo. Elas não evoluem mais, porque perfeitas, isto é, porque executam suas funções com máxima perfeição.

Árago — Queres que mandemos anunciar, pela imprensa, que Chilon, filho de Calícrates, declarou não serem filósofos, e sim só místicos, os que dizem que nós já fomos um singelo elétron, um átomo, uma mônada, uma molécula? considerando que êsse «nós» é um coletivo, formado daquelas coisas? e que sem a coordenação e integração delas o «nós» não existe?

Chilon — Sim, mandemos.

Árago — Que nós já fomos um cristal, uma célula, um coqueiro de praia?

Chilon — Publiquemos, igualmente, que isso é absurdo.

Árago — Quer mandemos escrever, outrossim; que fala impensadamente quem afirma ser eterna a evolução humana, do ponto de vista individual? porque assim como as células (um espermatozoide, um óvulo, um neurônio) não evoluem, por serem perfeitos, um dia o homem será a «célula perfeita» do grande organismo coletivo, cuja evolução, conquanto também seja finita, tende para um têrmo incógnito, que é Deus, no seu aspecto imanente ou criacional? E também, que assim como uma célula não pode compreender o homem, jamais nós compreenderemos Deus Imanente, não é assim?

Chilon — Escrevamos também isso.

Árago — E se não havemos de compreender, totalmente, nem mesmo o o Imanente, porque nunca chegaremos a ser o mesmo Imanente; que se dirá, ou não dirá, do Deus, no seu aspecto Transcendente ou Infinito?

Chilon — Entendo. Se uma simples célula, por não poder vir a ser homem, não o entende a êste, igualmente a «célula homem», não podendo ser o coletivo orgânico — Deus Imanente — que o integra, não o entenderá, nunca.

Àrago — Logo, do mesmo modo por que as células não virão, nunca, a ser homens, êstes, jamais, subirão para unidades doutras espécies, como a família, a sociedade, a humanidade. A evolução do homem termina quando êle se tornar altamente diferenciado e integrado na família, esta na sociedade e esta na humanidade.

Chilon — Conquanto êstes argumentos sejam lógicos e bem deduzidos, sinto, não é que penso, mas sinto que a evolução ou sabedoria (pois ambas se equivalem) é infinita, e ainda que eu tenha subido ao posto de Serafim, terei anseios de subir mais e mais.

Àrago — Êste sentimento decorre de duas razões; a primeira é o condicionamento intelectual que nos obriga a pensarmos hoje em continuidade com o que pensámos ontem; ora, ontem pensávamos que a evolução e o saber eram infinitos; hoje estamos condicionados àquele pensamento. A segunda razão é por que confundimos indeterminação temporal com eternidade. Se sofremos, cuidamos que nossa dor será para sempre; quando vivos, agimos como se nunca fôssemos morrer; quem herda bens, esbanja-os, como se êles nunca fôssem acabar. Assim quem está fazendo a escalada evolutiva, tem seu ponto de referência no movimento, na transformação, decorrendo disto sua ilusão de que a evolução é eterna, e o saber, infinito.

— Mas vamos lá: a evolução é eterna e o saber, infinito conforme o teu sentir: a consequência disto é que o ser estará sempre insatisfeito na sua fase, e na sua função, desejoso de subir mais e mais, não é assim?

Seja ùtil em qualquer lugar, mas não guarde a pretensão de agradar a todos; não intente o que o próprio Cristo ainda não conseguiu. — *André Luiz*

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

II

O estudo de tipos representativos da mulher, através das idades, ficaria incompleto, sem o da Grécia e de Roma. Sua evolução reagiu com fôrça sôbre a mulher de nossos dias. Do mesmo modo que o homem, sua companheira, sob o ponto de vista de seu valor intelectual e moral, é resultante das civilizações anteriores. A mulher greco-romana, tendo pôsto um sinal indelével sôbre nossa maneira de pensar e de agir presentes, representa, desta forma, um interêsse de primeira ordem para os sociólogos desejosos de aclarar os mistérios da evolução feminina.

As recentes descobertas feitas em Micenas e em Cnosso, como as operadas no Egito, diz Finot, recuaram singularmente a antiguidade grega. É incontestável que bem antes de Homero, uma civilização tomara raizes na Ásia Menor, do mesmo modo que em Chipre e em Atenas.

A História entreabre, assim, uma pequena janela sôbre um passado ainda misterioso de aproximadamente dez séculos. Esta civilização teria, parece, outorgado à mulher uma situação bastante vantajosa, comparada à das épocas seguintes. Os Estados civilizados que haviam precedido a Grécia homérica, a julgar pelos documentos egípcios contemporâneos da XVIII dinastia, como pelos objetos de arte, os costumes e o resto de sua arquitetura, que devemos às descobertas de Evans, Schieliemann ou de Ângelo Mosso, teriam sido superiores à Grécia do XIX século. As mulheres aí se mostram de tal forma adiantadas e independentes como as de Atenas do tempo de Sócrates e de Péricles. (J. Finot. — ob. cit., págs. 66, 67).

Apologistas mentirosos dedicam-se de corpo e alma em seus interêsses sectários, a caluniar a antiguidade em seus sentimentos, em seus costumes e instituições; ousam afirmar que antes da era cristã a atração que impulsionava um sexo para outro era uma atração grosseira e bestial; que o amor era destituido de ideal, que, por conseguinte, a mulher era considerada incapaz de experimentar e de inspirar as ternuras e as delicadezas do coração; tornava-se aos olhos de seu marido, como aos de seu amante, destituidas de dignidade; que os homens só viam nela uma mulher destinada a saciar a sua lubricidade e a procriar filhos; que a mulher só se edificou, só tornou puro o seu amor e santificou o casamento graças às lições e às influências do Cristianismo.

Convém rebater estas pretenções e estas calúnias. Embora antigas, nem por isso são respeitáveis, nem bem fundamentadas.

Deus não apareceu com o Cristianismo. Êle se manifesta desde o comêço das coisas; com a sua bondade e justiça infinitas, abraça a humanidade de tôdas as épocas.

Está demonstrado por inúmeros historiadores que em todos os tempos, mesmo os mais recuados, foi suficiente ser-se homem para conhecer tôdas as ternuras, tôdas as delicadezas, todo o devotamento e o ideal do verdadeiro amor: «sentimentos tanto mais fortes, diz um antigo, quanto mais honestos e mais puros; e que vão até ao ponto de preferir a união na morte à separação durante a vida» (Val. Max., I, IV, c. VI).

Isto basta para fazer entender que a mulher era entronizada em tôda sua dignidade no seio da família antiga; que o casamento nêsse tempo, era, segundo a palavra de Plutarco: «Como a união mais digna e mais santa; que o pudor e a castidade aí estavam com a honra». (Amat. Lib., IV, ed. Didot).

Sócrates e seus discípulos chegaram a conceber uma alta e firme opinião da dignidade da mulher. Antístenes atribuia aos dois sexos uma mesma aptidão para a virtude. Platão reclamava para ela a mesma educação e quase a mesma importância política. Xenofontes estabeleceu uma perfeita igualdade entre os méritos do homem e da mulher.

Eis o que Isócrates põe na bôca

de um rei que se dirigia a seu povo:

«Eu sabia que nada era mais caro aos homens que sua mulher e seus filhos, e que as ofensas feitas a êstes objetos de seu amor, de seus carinhos, são daquelas que êles nunca perdoam... A êste respeito, nada tenho a recriminar-me, e desde o primeiro instante de meu reinado, casando legìtimamente, interditei-me de outro qualquer prazer. Eu não ignorava que se perdoavam estas fraquezas aos príncipes; mas eu quís que minha conduta ficasse ao abrigo da mais leve suspeita, para poder oferecê-la como modêlo ao meu povo, sabendo que a multidão dos cidadãos gosta de tomar o exemplo de seus mestres... Para mim, não conheço nada mais despresível que êstes príncipes, que em vez de formarem um liame para a vida, mudam de afeto todos os dias e, por sua inconsequência, afligem uma companheira a qual êles nada perdoariam». (Isóc., «Nicocles»).

Haverá, hoje, pessoas de grande importância, que afetam conveniências cristãs, que possuam a mesma linguagem? Haverá muitos cuja continência possa ser comparada àquela da qual fizeram prova na antiguidade, Ciro, Alexandre, Cipião, Drusus, Germanicus e tantos outros?

Em seguimento ao estoico Antípater, Musonius e Plutarco se esmeram em demonstrar que o casamento é a mais necessária, a mais antiga, a mais bela e a mais santa das uniões; êles rejeitam como um paradoxo ateu a pretenção reinvidicada pelo sábio de ser liberto do liame conjugal. O sábio não está isento das obrigações mais naturais e mais sagradas do homem. O fim supremo do casamento é para o homem e para a mulher a comunidade da vida e dos filhos. Êles se associam para viver juntos, para agirem juntos, para marcharem juntos na virtude, para procriarem juntos os frutos de sua união. Tudo deve ser comum entre êles, o corpo, a alma, os bens, as crianças, os amigos, os deuses. Êles se devem auxílio em qualquer circunstância, afeição, assistência na família como na saúde, no infortúnio e na felicidade.

Valério Maximus propõe como exemplo às damas romanas a espôsa de Drusus, Antônia, que na flor da idade e da beleza, havia devotado à memória de seu marido uma fidelidade inviolável. Êle diz que na antiguidade romana se blasfemava contra as segundas núpcias. «Entre nossos ancestrais, diz êle, as mulheres que não contratavam um segundo casamento eram honradas com a coroa da pudicícia». Êles só tinham por um coração puro, fiel e incorruptível, o daquelas cujos votos e pensamentos não ecoassem fora do leito nupcial onde haviam desligado e deixado o cinto da virgindade. Comprometer-se várias vêzes nos liames do casamento era como a marca de uma incontinência ilegítima». Virgílio, em «Dido», pronuncia-se de igual maneira.

Eis a linguagem dêstes homens eminentes, cuja fama não se extinguiu com o correr dos séculos.

As mesmas idéias são encontradas em Tácito; sòmente, em lugar de ir procurar seus exemplos na Roma antiga, os toma de empréstimo a Horácio, que os foi buscar na Germânia. «Neste país, diz êle, as mulheres vivem cheias de castidade. Os adultérios são raríssimos. Não se perdoa a mulher que se prostitui; nem a beleza, nem a juventude, nem a fortuna, saberiam achar-lhe um espôso. Ninguém aí ri dos vícios; corromper e ceder à corrupção não se chama elegância e «bom tom». Mas, as mais sábias das tribos germânicas são aquelas em que as mulheres só se casam virgens, e não pensam em casar-se mais de uma vez. Como não possuem mais que um corpo e uma alma, desta forma só tomam um espôso, a fim de que seus pensamentos e seus desejos não possam ir além, e que elas amem no marido, não o próprio marido, mas o casamento... O casamento é para a vida e para a morte».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

"História do Espiritismo", de Conan Doyle

Deolindo Amorim

UMA das maiores realizações editoriais dêstes últimos tempos, no meio espírita brasileiro, foi o lançamento da *História do Espiritismo,* de Conan Doyle, publicada pela Editôra «O Pensamento». O aspecto material da obra é realmente impressionante pelo esmêro, bom gôsto e senso de sobriedade, aliado à preocupação de fazer um trabalho bem feito. A Edição brasileira valorizou muito a obra, dando-lhe uma feição gráfica das melhores, em tudo por tudo. A Edição está em condições de figurar em qualquer estante selecionada, como em qualquer exposição aprimorada, seja onde fôr. A confecção da obra está de tal forma cuidadosa, que nada fica a dever a edições norte-americanas, inclusive da organização Macmillan, que é mundialmente prestigiosa, ou da Universidade de Chicago, também modelar no apuro gráfico e estético de suas publicações. Já podemos dizer, portanto, e com tôda a satisfação, que no Brasil se lançam edições capazes de concorrer, em igualdade de condições, com excelentes edições norte-americanas. A *História do Espiritismo,* da Editôra «O Pensamento», está neste caso, pois é um trabalho que se recomenda pela sua criteriosa e distinta apresentação, sem exagêro, sem alegorias inadequadas ou fantasiosas, mas com o necessário espírito de equilíbrio, primando pela eficiência do material e pela harmonia do conjunto. Seria injustiça falar sôbre a obra em si, como boa fonte de consulta, e não realçar a capacidade e o zêlo da Editôra «O Pensamento», já considerada, aliás, uma das grandes organizações editoriais do Brasil.

Sempre achei que as coisas da doutrina espírita devem ser muito bem feitas. Livro, revista, jornal, tudo quanto se refere ao Espiritismo deve ser apresentado com bom gôsto e noção de responsabilidade. Um livro mal apresentado, ainda que tenha bom conteúdo, não impressiona bem; do mesmo modo, um jornal mal paginado, uma revista mal feita, como às vêzes aparece, não provoca muito interêsse. É certo que a forma não é tudo, pois o valor do que se escreve, tanto em livro como em jornal, está na essência. Realmente. Todavia, é preciso notar que a forma tem muita influência. É questão de psicologia. Uma edição descuidada pode prejudicar uma obra de valor. A experiência que o diga. Um livro bem organizado, tendo boa feição gráfica, inspira respeito ou desperta maior atenção. Foi justamente por isso mesmo que fiquei satisfeito, muito satisfeito mesmo, quando vi e apreciei a primorosa edição da *História do Espiritismo,* saída há pouco das oficinas da Editôra «O Pensamento», de S. Paulo. A edição argentina, da «Schapire», está muito longe de comparação com a de S. Paulo

A tradução é do Dr. Júlio Abreu Filho, a cuja competência já devemos outras traduções, igualmente valiosas, inclusive de *La Revue Spirite,* fundada por Allan Kardec e até hoje ainda em circulação, apesar de haver passado por diversas fases. A edição brasileira da *História do Espiritismo* é precedida de duas oportunas contribuições do tradutor: uma *Nota* explicativa, aliás muito instrutiva, e um «Esbôço biográfico de *Sir* Artur Conan Doyle». Diz muito bem o Dr. Júlio Abreu Filho, ao concluir o «Esbôço biográfico»: *Estas notas foram escritas para mostrar ao leitor menos familiarizado com as letras inglêsas que Sir Artur Conan Doyle não é apenas o criador de Sherlock e o escritor de contos policiais: é uma figura expressiva nas letras inglêsas e uma das figuras a que o Espiritismo — inclusive o Espiritismo de feição religiosa — muito deve. Em plano internacional a sua obra se inscreve logo depois da de Allan Kardec e se alia com a dêsses luminares que se chamaram Ernesto Bozzano, Léon Denis, Camille Flammarion, Alexandre Aksakof, Vale Owen e Stainton Moses.* Realmente, muita gente conhece Conan Doyle apenas pela figura de *Sherlock,* mas não sabe que o grande escritor inglês é um dos mais legítimos luminares da literatura espírita. Quando, em meio do ano passado, por meio de palestras

e atos especiais, se comemorou o centenário do nascimento de Conan Doyle, ouvimos confrades nossos dizerem que não sabiam das relações dêsse festejado escritor com o Espiritismo Para certas pessoas foi até *novidade* a homenagem que se lhe prestou no meio espírita. Não é de admirar a reação de alguns companheiros nossos, uma vez que, pouco antes, por ocasião do centenário do nascimento de Gabriel Delanne, que é um autor espírita muito mais citado em nosso meio, ouvimos jovens espíritas, integrantes de Juventudes organizadas, confessarem que não poderiam concorrer ao concurso, que instituíramos, justamente porque nunca ouviram falar nêsse nome. Nem sabiam quem era Gabriel Delanne!...

Conan Doyle foi, na realidade, um missionário do Espiritismo. Percorreu diversos países, na Europa, África e América, fazendo conferências, provocando experiências e utilizando até filmes ilustrativos. Viajou muito, espalhou a doutrina espírita corajosamente e pôs a serviço do Espiritismo, sem subterfúgios, sem omissões, a projeção de seu próprio nome, que já estava consagrado pela fama de escritor. Isto, infelizmente, não é comum. O que temos visto é a vacilação, é o mêdo de enfrentar os preconceitos e as conveniências humanas na hora das afirmações. Certos intelectuais, bem situados na vida, embora se considerem espíritas no íntimo, preferem o recurso do pseudônimo, as expressões menos claras, as formas disfarçadas, enquanto Conan Doyle se declarava pùblicamente espírita, em tôda parte, e o fazia sem receio das prevenções sociais e acadêmicas. Êste aspecto enobrece muito a sua obra.

A edição brasileira, de sua *História do Espiritismo,* ficou muito enriquecida com os comentários iniciais do Professor J. Herculano Pires, porque é uma síntese criteriosa e necessária da verdadeira posição de Conan Doyle, já em relação á própria feitura da obra, já em face da reencarnação, que é precisamente um dos pontos mais discutidos na vida do escritor inglês. Apesar de sua formação inglesa, Conan Doyle, ao que parece, teve mais propensão para o movimento espírita do «grupo latino». É certo que, a respeito da reencarnação, Conan Doyle não demonstrou tanto ardor quanto pelo aspecto religioso do Espiritismo. *A Nova Revelação,* por exemplo, revela muito bem a tendência religiosa de seu pensamento. Certamente há-de ter preponderado, aí, o fator emocional, decorrente das circunstâncias que o trouxeram para o Espiritismo. Todavia, é preciso acentuar que Conan Doyle aceitou a reencarnação, e por isso mesmo, não se filiou à orientação antireencarnacionista de seus compatrícios. Herculano Pires esclarece muito bem êste ponto: *Os anglo saxões, particularmente os inglêses e americanos, aceitaram a revelação espírita com uma restrição, não admitindo o princípio reencarnacionista.* Depois de outras observações, acrescenta Herculano Pires: *Não obstante, o próprio Conan Doyle, e outros grandes espíritas inglêses e americanos, admitiam a reencarnação.*

Outro ponto, que Herculano Pires elucida, e com isto desfaz muita dúvida, é precisamente o que se refere á tendência religiosa de Conan Doyle. De fato, o Autor de *A Nova Revelação* interessou-se profundamente pelo aspecto religioso do Espiritismo, e é a sua própria obra que o demonstra; mas não se deduza, daí, que haja desprezado os outros aspectos do Espiritismo. Não. O que Conam Doyle procurou fazer, muito depois do Codificador da doutrina, já estava previsto no pensamento de Allan Kardec, isto é, mostrar a harmonia entre as três partes fundamentais da doutrina: científica, filosófica e religiosa. Nada melhor, para a compreensão do assunto, do que as palavras do próprio Conan Doyle: «Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema.» O escritor alude ao fato de certas pessoas se deixarem atrair pelo aspecto religioso do Espiritismo, enquanto outras se encaminham sòmente para o lado científico. Por causa disto, Conan Doyle escreveu: «Entendo que, se me fôsse dado lançar alguma luz sôbre êsse ponto, muito teria que contribuir para a solução da questão que importa á humanidade.» (Transcrição de Herculano Pires). A êste respeito, convém ler o comentário de Herculano Pires: *Isto era escrito entre 1927 e 28, cêrca de sessenta anos após o passamento de Kardec. E todos sabemos que Kardec deixou*

perfeitamente solucionado o problema, ao apresentar o Espiritismo como doutrina tríplice: filosófica, científica e religiosa. Vemos, assim, que Conan Doyle, neste ponto, como em tantos outros, pensava paralelamente a Kardec, esperando por assim dizer, o momento em que a codificação kardeciana aparecesse no mundo, sem suspeitar que ela ja existia e estava ali mesmo, ao seu lado, para lá do Estreito da Mancha.

Conan Doyle, como se vê, tinha idéias muito amplas sôbre o futuro do Espiritismo. Certamente, o que lhe faltou, para consolidar o lastro de suas idéias, foi maior familiaridade com a obra de Allan Kardec. Sua maneira de ver, entretanto, coincide com a do Codificador da doutrina, em diversos aspectos. Evidentemente, Conan Doyle pouco escreveu sôbre Allan Kardec. Sua *História do Espiritismo,* que é bem minuciosa em tantos pontos interessantes, apenas faz referência a Kardec, sem descer a fundo na gênese do movimento iniciado na França. Prevenção? Absolutamente. O escritor inglês tinha, aliás, muita afinidade com espíritas francêses. Preocupado, sem dúvida, com a narração dos fatos, não se interessou muito em apreciar a influência da doutrina. Daí, não ter dedicado um estudo em especial á obra de Allan Kardec, no que acompanhou escritores inglêses e norte-americanos. Até hoje, entre espiritualistas inglêses, se diz que Allan Kardec foi apenas um «escritor espiritualista»... Apenas isto. Jackson Davis, sim, é a figura primacial dos espiritualistas anglo-saxões e, de um modo muito especial, do *moderno espiritualismo* norte-americano. Ernest Thompson, que escreveu, há poucos anos, uma «História do Moderno Espiritualismo», também cita Kardec como simples referência histórica e bibliográfica, dizendo apenas que é o fundador do movimento espírita francês, publicou os livros básicos da doutrina, fundou *La Revue Spirite,* e que *sua doutrina central é a reencarnação.* Nada mais. O historiador inglês não faz comentários, apenas registra as informações mais gerais, e passa adiante. Conan Doyle não foi tão lacônico em relação a Kardec, pois uma parte do cap. XXI, de sua *História do Espiritismo,* ocupa-se do Codificador, transcrevendo opiniões e afirmações fundamentais da doutrina. Contudo, é preciso reconhecer que a obra de Conan Doyle não faz pròpriamente história da doutrina e, por isso mesmo, não é uma História completa. Seja como fôr, é o trabalho mais bem documentado, mais substancioso que conhecemos até hoje, no que diz respeito à fenomenologia. Sôbre o famoso episódio de Hydesville, por exemplo, e foi êsse episódio que projetou as irmãs Fox no mundo ocidental, como se sabe, a documentação de Conan Doyle é abundante e convincente. Quanto ao grande médium Dunglas Home, igualmente, as provas que apresenta, os depoimentos que reune são a maior e mais segura defesa dêsse falado médium perante o juízo da posteridade. Enfim, é uma obra altamente categorizada no domínio histórico do Espiritismo. Sua publicação, em língua portuguêsa, é um serviço de grande valia à Causa espírita.

Não queremos encerrar êste artigo sem reproduzir as judiciosas palavras de Herculano Pires sôbre a circunstância de não haver Conan Doyle exaltado a ação de Kardec: *O leitor brasileiro estranhará que Conan Doyle comece a sua história pela vida e a obra de Swedemborg, e que, depois de passar pelo episódio de Hydesville, só se refira a Allan Kardec ao tratar, no capítulo vinte e um, do «Espiritismo francês, alemão e italiano». Kardec aparece, assim, como uma espécie de figura secundária, de influência reduzida ao âmbito nacional do movimento espírita francês. É que, no movimento espírita, como em todos os movimentos, as coisas vão se definindo aos poucos, através dos tempos, não se mostrando logo com a precisão necessária. Sòmente agora, quase trinta anos depois da morte de Conan Doyle, é que a figura de Allan Kardec, reconhecida há muito, nos países latinos, como o codificador do Espiritismo, vai se impondo também, nas suas verdadeiras dimensões, ao mundo anglo-saxão.* Cremos, pessoalmente, que, apesar da resistência, ainda hoje, dos espiritualistas anglo-saxões, os Congressos Espíritas Internacionais, organizados pela Federação Espírita Internacional, vão concorrer, e já estão concorrendo, para tornar Allan Kardec mais conhecido e mais compreendido. O último Congresso, rea-

lizado em Londres, entre 10 e 17 de setembro, e do qual participou o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, através de uma delegação especial, já deu um passo, embora houvesse certa dificuldade. É questão de tempo. O que é preciso é não deixar amortecer o entusiasmo nem interromper a continuidade dos Congressos Espíritas Internacionais.

O lançamento da edição brasileira, da *História do Espiritismo,* deve ser um motivo de regosijo para as letras espíritas de nosso país, pois é um serviço de valor inestimável. É bom frisar, entretanto, que a edição, òtimamente preparada pela Editôra «O Pensamento», não seria tão satisfatória se lhe faltassem os esclarecimentos iniciais, de Herculano Pires e Júlio Abreu Filho. Merecem justos aplausos os esforços, que está desenvolvendo a *Livraria Espírita Emmanuel,* da Capital de S. Paulo, para divulgar o grande livro de Conan Doyle, cuja leitura, sobretudo como fonte de consulta, podemos dizer que é indispensável aos estudiosos do Espiritismo.

Passará o Espiritismo por uma Derrota Vitoriosa ?

V. O. Casella

Enquanto as diversas doutrinas do Cristianismo julgam, cada qual por si, como a resolução única capaz de espiritualizar a humanidade, as estatísticas demonstram ao contrário em favor do Materialismo.

É o que pudemos ler n'O Semeador, de setembro de 1957, uma transcrição de «Unitas», órgão presbiteriano, onde revela que o crescimento de tôdas doutrinas cristãs em conjunto, considerando-se ainda a grande maioria do Catolicismo, decresce em proporção ao aumento progressivo da população do glôbo. E se do total de cristãos excluirmos aquêles que os são apenas de nome, pelo batismo ou outras exterioridades convencionais, o quadro estatístico então será desolador, para o Cristianismo.

O Espiritismo, entre as demais, fez a vantagem de um rápido crescimento logo de início, talvez devido o apôio de célebres cientistas que se interessaram pela sua parte científica. Como êste apôio de laboratório não fôra oficializado, o Espiritismo passou pelo mesmo fenômeno que se opera com as demais correntes espiritualistas, fazendo parada, ou seja, passando a progredir depois de adulto, no mesmo ritmo monótono generalizado entre suas co-irmãs doutrinárias. Se sôbre estas ainda há alguma vantagem em favor dos postulados de Kardec, trata-se do mérito de se ter infiltrado nos meios intelectivos.

Crescendo continuamente o Materialismo, e decrescendo proporcionalmente o Cristianismo, êste acabará desaparecendo pela minoria, caso não se opere qualquer revolução modificativa para uma nova forma de impulso a seu favor.

De nossa parte, julgamos que esta transformação impulsiva deverá se dar na ocasião em que a ciência se interessar, decididamente, pelo estudo oficializado dos fenômenos mediúnicos, através de laboratórios das Universidades em geral, como já vêm fazendo alguns investigadores, a exemplo de Rhine na Universidade Duke, dos Estados Unidos. E' possível que nesta nova fase, já iniciada, surja alguma ameaça ao Espiritismo, não por parte de cientistas que se dedicam com sinceridade e sem preconceito ao amor à verdade. Mas por uma classe de pretensos investigadores, que tudo julgam dentro de certos limites em que se acham, como se fôssem êles os donos da situação, quando a realidade jà se tem despontado do nosso lado espiritualista, na opinião de grandes mestres.

Serão êles que poderão tentar a proibição das práticas mediúnicas nos meios espíritas, e os clericalistas não perderão a oportunidade do momento para reforçarem sua já tradicional guerra aberta ao Espiritismo.

No entanto, supondo-se que tal objetivo fôsse alcançado pela proibição legal, nem por isto haveriamos de temer pelo desaparecimento da doutrina. O fenômeno mediúnico, sendo compul-

sivo na natureza de certos indivíduos sensíveis, não será a lei que irá sustar sua eclosão espontânea na intimidade sagrada dos lares.

Contudo, mesmo com uma hipótese pessimista em relação à doutrina, ainda assim, sob o pêso da lei, não haveria motivo de alarme, pois somos de opinião que se as práticas mediúnicas no primeiro século foram necessárias para garantir os princípios kardecianos, hoje a doutrina sem elas já não mais perece, desde que sejam transferidas a outro campo de atividades. Aqui, nestas condições não haveria o desaparecimento total e absoluto da fenomenologia, como inutilmente pretendem os clericalistas.

E como o Espiritismo tem por finalidade a reforma moral e espiritual do adepto, sòmente a parte teórica doutrinária manteria tal objetivo, através de estudos, conferências, palestras, imprensa etc., questões estas garantidas pelas leis humanas pela liberdade de pensamento.

Reconhecemos que muitos espíritas terão alcançado a parte teórica da doutrina, pela atenção despertada nas sessões práticas mediúnicas.

Mas há os que tomam rumo diverso, desinteressando-se pelos estudos da doutrina, para se infiltrarem em outros campos, onde as superstições lhes prometem vantagens inexistentes, mas de arrastamento perigoso, questões estas que o Espiritismo é de forma contrária.

E precisamos compreender que os espíritas de mentalidade doutrinária, assim se tornaram devido exclusivamente a estudos. E julgamos que entre êstes, que assim se fizeram, muitos não tiveram conhecimentos da prática, a não ser pelas literaturas. O saudoso Leopoldo Machado, antes de tomar contato com as práticas mediúnicas, militou muitos anos na imprensa da doutrina. Este, sem dúvida, é um exemplo de muitos outros existentes na nossa imprensa. Nós mesmos, que militamos nesta Revista, desconhecemos o que seja uma prática mediúnica, a não ser pelos estudos das nossas literaturas doutrinárias.

Não há dúvida, não será pelo fato de argumentarmos em favor da teoria e que fôssemos apoiados pelos demais adeptos, que uma brusca suspensão das nossas práticas mediúnicas não viria nos causar um abalo de consequência moral. De momento sofreriamos, apesar que uma transferência das práticas espíritas para os laboratórios, raciocinando-se bem, para o Espiritismo seria uma derrota vitoriosa. Estaria pagando o seu tributo de laborar com a verdade.

As demais doutrinas espiritualistas, dogmáticas e de cultos exteriores, é que não seriam molestadas, porque delas a ciência nada teria para ali buscar do que pudesse ser de positivo. E no futuro, os próprios laboratórios falariam a favor do Espiritismo na história da ciência.

Tal acontecimento, comprovando-se oficialmente os nossos fenômenos mediúnicos, transformaria automàticamente as demais doutrinas em obsoletas. E assim seria chegado o momento decisivo para os nossos postulados na conquista da humanidade, fazendo recuar o Materialismo.

Enfim, considere o leitor que estamos laborando com opinião pessoal, portanto não doutrinária. Mas, contudo, convém estarmos prevenidos para qualquer eventualidade futura.

Seja como fôr, ou algo sucederá na marcha do Espiritualismo cristão, caso contrário o Materialismo logo mais se tornará o senhor absoluto da humanidade.

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo
Araraquara

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.º andar - Sala 2 e 3 - Telefône: 36-3146 - Caixa Postal 4926 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

Para onde vai o Espiritismo?

Tradução de Arnaldo S. Thiago

JUSTIFICANDO o ponto de vista da absoluta necessidade da evangelização do homem, como supremo objetivo do Espiritismo, sempre defendido por esta revista, escreve o ilustre confrade francês sr. Andrée Naschitz-Rousseau, pelas colunas de «LA REVUE SPIRITE», em seu número de Janeiro-Fevereiro do corrente ano, excelente artigo subordinado ao título — PARA ONDE VAI O ESPIRITISMO? — que traduzimos, com a devida permissão do autor, para que os leitores de «Revista Internacional do Espiritismo» possam ter do mesmo conhecimento, cabendo aos espíritas reunir tôdas as suas fôrças nesta hora difícil da história da humanidade, afim de que não venha suceder ao Espiritismo o que sucedeu ao Cristianismo, para a restauração do qual, em tôda a sua pureza, é que nos foi trazida a Terceira Revelação, sendo os fatos, as experiências apenas meios adequados à demonstração da tese espírita da imortalidade da alma, da sua possibilidade de comunicação com os encarnados e da lei das reencarnações que explicam as desigualdades sociais, sendo tudo mais, em nossa Doutrina, compreensão e prática do Evangelho, sagrado documento que encerra o pensamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eis o artigo em aprêço:

«O Espiritismo tem sido freqüentemente desfigurado e por aquêles mesmos que o praticavam com mais assiduidade.

Para uns, era uma espécie de materialismo engrandecido, que permitia a idéia de um prolongamento das condições da vida terrestre e uma continuação da vida material. Os mesmos sentimentos, os mesmos interêsses, os mesmos cuidados movimentavam-se entre os vivos e os mortos, eternizando uma condição que, se havia ajudado a alma encarnada, em conseqüência das experiências e dos esforços correspondentes à vida terrestre, não podia senão entravar a alma liberta da vida material.

Com efeito, se a lei de Evolução faz suceder, a uma vida encarnada, uma outra invisível, significa isso que tal sucessão é necessária à vida da alma, e contrariá-la, rompê-la por um apêlo repetido e solicitações afetivas, é um êrro cujas conseqüências são, sem dúvida, incalculáveis.

Para outros, o Espiritismo era uma espécie de revelação mística, de nova religião que devia substituir e destruir tôdas as outras místicas e tôdas as outras religiões. Seus adeptos adotavam a mesma intolerância, o mesmo proselitismo agressivo que tinham sido comuns à maior parte das doutrinas.

Para os demais o Espiritismo era sòmente matéria para experiências.

Materializações, fantasmas dos mortos, ectoplasmas eram o centro de seu interêsse e para êles a própria razão de ser do Espiritismo.

É sem dúvida esta concepção que o tem, ao mesmo tempo, melhor servido e mais desservido, conforme o veremos pelas razões que se seguem.

A bem dizer, é o Espiritismo um aspecto de revelação que é a única fonte de que se tem nutrido tôdas as religiões, tôdas as doutrinas que se preocupam com a vida dos homens em relação à sua alma e tem por fim guiar sua Evolução e ajudá-los a cumprir seu destino espiritual.

Mas esta revelação cuja ancianidade não pode o espírito humano vislumbrar, não tem bastado ao encaminhamento dessa Evolução. Periòdicamente é dado um novo alento à certeza que os homens conservam de seu destino imortal. À medida de sua Evolução, têm êles sempre conhecido os segredos da fé e o poder divino.

Mas o concurso dêsses Mestres, profetas, iniciados ou almas divinas encarnadas, não pode ser dado sem que tenha por apôio as condições ambientes, a mentalidade da época e a Evolução dos homens que devem receber tal revelação.

Ela responde sempre a uma necessidade profunda das almas, à necessidade de conquistas novas no domínio espiritual e não põe em jôgo sòmente as palavras de um mestre, mas também uma fôrça que traz consigo e que permanece, depois que êle deixa a terra, durante um tempo em correlação com o seu poder.

Entretanto essa doutrina é mui ràpidamente desfigurada e tôdas as que chegam até nós sucessivamente nada mais representam do que uma adaptação daquela que foi primitivamente trazida.

É que a verdade é obscurecida pelo homem por muitos e diferentes anteparos.

O primeiro é constituido pela parte animal que se encontra no homem e que se esforça para dar primazia às fôrças elementares.

O segundo é o das emoções e dos sentimentos contra a aceitação das leis que, por não serem compreendidas, apresentam-se-nos como impiedosas e por vêzes atrozes.

O terceiro anteparo que ofusca a luz é o de um cérebro que discute e dispõe à sua maneira todos os dados da sabedoria, afim de adaptá-los a um intelecto murmurador e doentio, que assim se conservará enquanto não submeter-se a essa faculdade superior que é a Intuição e que ilumina com uma luz verdadeira as aquisições da inteligência.

Tôdas as doutrinas e tôdas as religiões têm sido vítimas dêsses percalços aos quais parece que sucumbem por uma espécie de fatalidade.

Desde que uma verdade é trazida ao homem, não pode êle aceitá-la, ou talvez não possa mantê-la sem que a submeta a uma transformação que acaba por, mesmo, reduzí-la às proporções da miséria humana.

Numerosos são os exemplos e em nada absolutamente implicam ao valor, seja da revelação, seja da doutrina. O próprio Cristianismo, a mais pura forma de revelação de origem divina, tem sido vítima dêsses percalços.

Para impressionar o espírito das multidões, a despeito da repugnância de que se encontra visíveis traços nos Evangelhos, teve o Cristo de «fazer milagres».

Sem êles sua palavra não teria sem dúvida tido pêso.

Era a primeira concessão às fôrças materiais. Depois, com o passar dos tempos, tornou-se o Cristianismo uma espécie de antropomorfismo, aberração sentimental de uma doutrina que parecia muito exigente e muito rude para ser aceita pelas massas. Por fim o raciocínio e a inteligência o atacaram, por sua vez, pondo em dúvida a puríssima doutrina do Cristo, cortante como afiada espada, límpida como êsses regatos gelados que, na primavera, irrompem da montanha enevoada.

Almas ardentes de amor e do desejo da verdade, periódicamente vêm sacudí-la e trazer-lhe a fôrça que lhe fazem perder êsses ataques, a fôrça acumulada na solitude e na meditação, o que lhe permite manter-se para esclarecer o mundo com uma luz que não se extingue.

O Espiritismo não escapou ao assalto de tôdas aquelas fôrças obscurecedoras.

As duas primeiras têm pesado até agora sôbre êle.

Transformado, durante longo período, em trabalho de laboratório, em objeto de experiências científicas, foi totalmente submetido às fôrças materiais que começaram a desagregar-se desde que lhes foi preciso fazer a discriminação entre as manifestações físicas, faculdades ainda desconhecidas do ser humano e suscetíveis de ser estudadas como tais e as doutrinas, os ensinamentos trazidos pelas entidades invisíveis, os quais escapam, por sua própria natureza, a tôda experimentação de ordem material.

Foi a confusão dessas duas ordens de coisas que ameaçaram de morte o Espiritismo, em seu nascedouro.

Salvou-o, sem dúvida, a impossibilidade total dessa confusão, de morte prematura; mas escapou para cair nas armadilhas que lhe foram postas pelas emoções e pelos sentimentos sem contrôle.

Rebaixado a uma espécie de diálogo sem envergadura entre vivos medíocres e mortos do mesmo estalão, propagava uma série de verdades primárias, um amontoado de puerilidades que desencorajaram os que eram suscetíveis

de o servir pela elevação de seu espírito e pela fôrça de sua alma.

Mas a doutrina ainda não disse a sua última palavra.

A primeira armadilha foi tornada sem valor pelo desaparecimento progressivo e quase total dos médiuns suscetíveis, por suas faculdades, de encorajar a sua materialização.

Outros médiuns puderam, sobrepondo-se à tentação da facilidade, servir de suporte a entidades que trouxeram ensinamentos de alto valor espiritual — substituindo aos colóquios medíocres contactos mais elevados; e, enfim, a vitalidade e o atrativo da doutrina evidenciaram-se de tal modo, que ela pode atualmente sobrepor-se, para muitas almas, às críticas com que a princípio a entenebreceram.

É' portanto, presentemente, daqueles que ensinam e a praticam, que dependerão a sua permanência e a sua vida.

Na mesma medida a que elevarem seu ideal; na mesma medida das exigências que tiverem com sua experimentação, medir-se-à o valor da doutrina.

Andrée NASCHITZ-ROUSSEAU.»

N. R. — Para que todos os espíritas sinceros e militantes meçam bem as suas responsabilidades, oferecemos-lhes o ponderado trabalho que acima deixámos transcrito.

Mais um Traque Anti-Espírita

O Espiritismo tem dado muita dor de cabeça aos protestantes, os tais se vêm loucos com a difusão da doutrina, como dizem: «a nefasta doutrina está se propagando muito pelo Brasil». Apareceu agora com cefaléia o Rev. Alberto Augusto, e veio se expôr publicando um livreto: — «O Espiritismo coisa de vivos e não de mortos», Casa Publicadora Batista, 1959.

Como profissional da religião, não apresenta nada de novo, pensei que o livro do Rev. Jerônimo Gueiros ou do Rev. Julio Andrade Ferreira já tinham liquidado o assunto e foi quando vi num jornal protestante uma laudatória sôbre o livro do Rev. Alberto Augusto. O jornal dizia:—«o livro do Rev. Alberto Augusto é uma obra que o evangelismo nacional estava esperando, é uma bomba no arraial espírita», em seguida enfileirava uma série de lugar comum e de frases feitas...

Adquiri o livro: — xaropada, mediocridade, primarismo, infantilidade. Uma coisa devemos notar no livro: a coragem do autor em publicar um livreto tão ridículo como êsse. Os protestantes mudam de nome os títulos, mas a substância é a mesma, não mudam, difere, um pouco na linguagem, na exposição, mas o resto é a velha xaropada!

Segundo o jornal protestante, o livro era uma bomba no arraial espírita, mandei buscar a bomba, e com tôda a cautela, como é natural em se tratando de bomba, tomei todo o cuidado quando retirei do correio, se explodisse...

Logo no prefácio o augusto reverendo, que não é nada modesto, mas bastante pretencioso, diz que vem trazer, vem «acudir com remédio pronto a um mal que se vai generalizando em nosso país», é a dor de cabeça dos coitados... e que «iluminados possam deixar êsses arraiais»—mas a iluminação, a luz que traz o reverendo, é luz mortiça — aquelas típicas dos tempos coloniais...

Comecei a examinar a «bomba» do pirotécnico reverendo e notei, logo de início, que não era bomba, mas traque: começa confundindo Espiritismo com mediunismo, telepatia, hipnotismo, mesmerismo, sugestão, auto-sugestão, e quejandos.

Quando o autor citou «A lei dos fenômenos psíquicos» de Tomson Jay Hudson, livro que fez sucesso nos tempos de D. João VI, com aquela linguagem rebarbativa, conceitos anacrônicos, tive curiosidade de passar os olhos pela bibliografia do livro: esta explicou tudo: o estílo e o conteúdo do traque..

O augusto pirotécnico teve a simplicidade, ou ingenuidade ? de colocar a bibliografia, ou melhor, os ingredientes que usou para fabricar o traque.

O Espiritismo é uma Doutrina respeitável e para fabricar bomba para explodir nos arraiais espíritas não pode ser com homeopatia, é com dinamite no duro, e das boas... do contrário... ché... nem faz barulho !

A bibliografia do augusto reverendo consta de quinze livros (pasmem mas é fato) e entre as «obras», recortes de jornais, põe uma nota no final dizendo que ainda possue vários recortes de jornais sôbre a matéria. Ora bolas, isso é temeridade ! Atacar o Espiritismo com êsse arsenal, com tesoura e goma arábica, não pode sair bomba, quando muito um traquezinho... e veja lá... dos fraquinhos para recinto fechado ! Os recortes de jornais são reservas do arsenal ?

Para pontificar sôbre sugestão, telepatia, mesmerismo, hipnotismo, o nosso fogueteiro vai buscar elementos na Enciclopédia e Dicionário Internacional, W. M. Jackson Inc.

Há tanta bibliografia especializada, tratados sôbre o assunto e o nosso augusto reverendo vai buscar num verbete do Dicionário Internacional elementos para pontificar sôbre Espiritismo ! É tão visível a fraqueza, a confusão, o primarismo no tratar do assunto que só se explica pela cefaléia e pela bibliografia. É de se admirar a coragem do augusto pastor !

«Glórias ou lucros, certamente não os procuro» — com essa obra não pode mesmo esperar glórias, a não ser de seus crentes (nem todos é claro) mas lucro é na certa, pois um livreto de 112 páginas custando Cr.$95,00, alguma margem de lucro deve deixar !

O autor tem uma tirada propagandística muito fina : — «após a leitura destas páginas procurem uma igreja onde êsse Evangelho seja anunciado e renunciem á (sic) velha vida», que pretensão tem o nosso amigo, o Evangelho pertence ao monopólio protestante ? Depois da leitura, o leitor esclarecido percebe o que ensinam por lá e não vai buscar numa igreja cujos ministros se expõe com um livro chinfrim para atacar o Espiritismo !

O augusto escritor, de bibliografia paupérrima, faz confusão tremenda (intencional ? ignorância ?) entre o Espiritismo, mediunismo, hipnotismo, mesmerismo, telepatia, tudo para ele é Espiritismo, e como tal, desanca o pau...

Si dissessemos que os evangelistas, os pentecostais são batistas, só pelo fato de batizar os crentes de mergulhão no rio, o reverendo viria de dedo em riste tachando os espíritas de ignorantes e «provar» que batistas são batistas, e não pentecostais ou evangelistas da congregação cristã, que sòmente os ignorantes podem confundir. No entanto, o nosso reverendo confunde Espiritismo com mediunismo, telepatia, animismo, mesmerismo, sugestão, auto-sugestão...

Para o nosso augusto reverendo tudo é fraude, tudo mentira ; não vimos na sua bibliografia nada especializado sôbre fraudes, embora existam obras sôbre o assunto. O Rev. desconhece.

O autor fala no Irmão Saulo, será que pensa que é um zé ninguém ? É catedrático, professor universitário e é espírita... dos bons ! Pelo estilo e conteúdo de suas crônicas vê-se que atrás está um «bichão», por isso, o Rev. que gosta de recortes de jornais, guarde muito bem os do Irmão Saulo : têm tutano, têm substância : com ingrediente dêsses dá para fabricar bombas legítima !

O livro não traz contribuição nenhuma para atacar o Espiritismo, é o chavão de sempre ; o autor devia trazer algo novo. O que aí está não merece resposta séria. Se tentassemos responder sôbre reencarnação, manifestação de espíritos, Bíblia, curas, moral espírita, o Dr. Carlos Imbassahy ficaria triste com a gente e diria : «alto lá confrade, você não leu as minhas obras ?» E como não queremos que o Dr. Carlos Imbassahy fique zangado conosco, remetemos o pirotécnico reverendo às obras do Dr. Carlos Imbassahy. (Não estou receitando dose muito forte ?) pois o autor de Fatos Espíritas não deixou pedra sôbre pedra que não fosse derribada ! Mas êle gosta de recortes de jornais... então, nada melhor do que o Irmão Saulo para ser lido.

Antes de terminarmos, queremos citar esta preciosidade : — *«E ainda digo mais : a simples leitura de obras espíritas pode fazer muito mal. Falo isto não para condenar os espiritistas, mas antes para preveni-los. Contarei um caso de minha experiência pessoal. Quan-*

do eu tinha os meus dezesseis anos, frequentava um centro espírita. Certa noite, depois da sessão deitei-me, mas não consegui conciliar o sono. Parecia-me que tôda a casa estava povoada de espíritos. Dominado por um terror estranho, ergui-me da cama, tomei a chave da porta e saí na calada da noite. Tive sorte, porque quando procurei meter a chave na fechadura, acertei. Se não houvesse acertado, teria caído sem sentidos, tal era o pavor que me acometia. Corri para casa de uma familia conhecida, que não pude dormir aí nessa noite.» (?) página 102.

Está explicada a bibliografia do augusto pastor, «*a simples leitura de obras espíritas pode fazer muito mal*», e quem tem «paúra» não deve nem escrever contra uma doutrina que tem uma bibliografia colossal, pois a «*leitura de obras espíritas pode fazer muito mal*», daí, então, se restringe a livros do tempo da vovózinha e de recortes de jornais...

Positivamente o panegírico do jornal protestante dizendo que era uma bomba no arraial espírita o livro do Rev. Alberto Augusto, está errado, pois se fôsse mesmo bomba, com a explosão «*teria caído sem sentidos, tal era o pavor que me acometia*», e não é bom que um pirotécnico «*caisse sem sentidos*» com a explosão. O comentarista do jornal protestante que troque «bomba» por «traque» que tudo vai bem... ninguém «*cae sem sentidos...*» e a coisa continua!

O pastor não acredita em encosto, mas quando a gente é dominado pelo mêdo, é bom consultar um psicanalista. O mêdo é uma coisa terrível, faz a gente até errar o «*buraco da fechadura*» e pousar em casa de amigos!

O livro termina assim: — «*Temos receio de, ao defender a verdade, ter ferido os nossos adversários de crença. Lamentamos isso, porque não está em nossa pretensão o ofender ou ferir a quem quer que seja. Antes de encerrar êste opúsculo, queremos que nos desculpem os que assim se sentirem magoados com alguma palavra menos cortês ou menos caridosa.*

Cremos que qualquer pessoa com a Bíblia na mão e disposta a buscar a Deus em súplica ardente, tendo o auxílio ou não de pessoas conhecedoras do Evangelho de Jesus Cristo, pode encontrar fàcilmente a verdade e segui-la sem dificuldades.

Procure assistir aos cultos em uma igreja evangélica e será esclarecido».

O Rev. Alberto Augusto continua com mêdo, e agora, com mêdo de ter ofendido, ferido, magoado os espíritas. Nada disso Rev. Augusto, traque não assusta ninguém, o Rev. não feriu ninguém, cremos na sua sinceridade, mas temos pena que o escritor tenha mêdo de ler as obras espíritas, pois assim poderia escrever algo de novo sôbre o assunto.

Que podemos buscar para nos esclarecer numa igreja evangélica? Os protestantes tem medo de ler obras espíritas, de analisar fatos espíritas, que esclarecimento pode dar uma pessoa medrosa?

Quanto ao mêdo de ter usado «*alguma palavra menos cortês ou menos caridosa*» não fique medroso disso, nós que doutrinamos espíritos em sessões espíritas, sabemos que há muita gente que não gosta do Espiritismo e dizem cada uma... talvez o Rev. não saiba, pois tem medo de ler obras espíritas, mas os espíritas têm um lema: TRABALHO, SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA. Sabemos compreender os nossos irmãos de outras crenças. Cremos na evolução!

Mac Maynard

Deixe ao irmão a autoria das boas idéias e não se preocupe se for esquecido, convicto de que as iniciativas elevadas não pertencem efetivamente a você, de vez que todo bem procede originàriamente de Deus.

Interprete o adversário como portador de equilíbrio; se precisamos de amigos que nos estimulem, necessitamos igualmente de alguém que indique os nossos erros.

ANDRÉ LUIZ.

Dogmas de Fé ou de Ciência impedem o progresso humano

Dilema para o nosso século: idade da ciência ou da superstição – Chapman Pincher e o problema da mediunidade – Uma advertência de Ernesto Bozzano

EM artigo distribuido pela APLA, aos jornais de todo o mundo, Chapman Pincher escreve de Londres, estranhando que o nosso século, considerado Idade da Ciência, seja também a Grande Idade da Superstição. Mas, procurando explicar essa situação contraditória, faz uma descoberta curiosa: a de que a ciência gera a superstição. Como se vê, trata-se de uma explicação dialética, bem ao gôsto do século. Mas uma explicação que só serve para os que não podem explicar os fatos. Quer dizer, uma explicação que não passa de simples paliativo.

Qual a razão por que o nosso século seria a Grande Idade da Superstição? Primeiro, segundo explica Chapman Pincher, por causa dos Discos-Voadores. Depois, porque há uma crença geral em «poltergeists», ou seja: «em espíritos sobrenaturais e dotados da capacidade de mover objetos materiais». E depois, ainda, porque «milhões de pessoas, em todo o mundo, acreditam que os espíritos dos mortos podem comunicar-se com os vivos, e até mesmo materializar-se».

A posição do sr. Pincher não é única. Há milhares de intelectuais, pelo mundo inteiro, escrevendo artigos, pronunciando conferências, dando aulas e publicando livros, nêsse mesmo sentido. Para todos êles, aceitar a possibilidade da existência de espíritos é revelar atraso mental, apêgo a superstições superadas pelo desenvolvimento das ciências. Que respostas podemos dar a êsses homens ilustres, não raro dotados de grande capacidade mental, que relegam ao porão do subconsciente as nossas mais sólidas convicções?

Há espiritistas que se impressionam com isso. Muitos nos escrevem, perguntando como explicar-se a existência de tanta e tão ferrenha negação, de parte de homens esclarecidos. A melhor resposta nos é dada pela própria história da chamada «superstição espírita». Até hoje, desde as famosas investigações da Sociedade Dialética de Londres, para desfazer a «praga do século»—que era então, e isso no século passado, o Espiritismo—nenhum investigador sério pôs a mão no fogo sem ser queimado. Quer dizer: até hoje, nenhum cientista que se atreveu, com seriedade, a investigar os fatos espíritas, deixou de comprová-los. E muitos tornaram-se espíritas, inclusive o maior dêles, que foi William Croockes, o Einstein do século dezenove.

O que acontece, pois, é que o sr. Pincher, e muitos outros com êle, apegam-se aos seus conhecimentos com o mesmo fanatismo dos supersticiosos. Não são mais do que supersticiosos de outra categoria. Acreditam piamente que a concepção científica do mundo é a última palavra no plano do conhecimento, esquecidos das tremendas lacunas, das falhas gigantescas, das enormes manchas de dúvida e incerteza que revelam a necessidade de maiores investigações e maior ponderação. Esquecem-se de que as ciências, tôdas elas, estão ainda em desenvolvimento, constituem processos inacabados. E assim como as religiões, apoiando-se no pressuposto da revelação divina, julgam-se no direito de sustentar seus dogmas absolutos, assim êsses agnósticos se consideram, com apôio nas conquistas da ciência, com o direito de impôr os seus dogmas, igualmente absolutos.

Para escrever o que escreveu, o sr. Pincher deve ignorar as experiências da Metapsíquica, da Parapsicologia e da Ciência Psíquica inglêsa. Deve ignorar as investigações espíritas sôbre a mediunidade. Deve ignorar também as investigações de certos religiosos, inclusive da comissão de pastôres anglicanos, que há poucos anos, na própria Inglaterra, agindo em defesa de sua própria religião, mas sendo sinceros, tiveram de concluir pela realidade da fenomenologia espírita. Deve ignorar, ainda, as pesquisas do prof. Price, da Universidade de Oxford, que concluem pela mesma realidade. Deve, enfim, ignorar muita

coisa, apesar de todo o seu possível saber.

E entre as coisas que o sr. Pincher, ignora, podemos incluir esta : não é a ciência que gera superstições, mas a incapacidade da ciência é que transforma em superstições muitas coisas reais que podiam e deviam ser explicadas. Essa incapacidade, por sua vez, decorre em grande parte do dogmatismo científico de que o sr. Pincher é um exemplo. Uma das coisas que mais se apontavam contra a realidade dos fatos espíritas, no século passado, era o chamado «absurdo» dos fenômenos de levitação. Como se poderia admitir a levitação, se ela contrariava a lei de gravidade ? Entretanto, o prof. Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica, incumbiu-se de investigar os fatos e chegou a descrever a própria mecânica da levitação. Sua teoria da alavanca fluídica, experimentalmente comprovada, figura no «Traité de Metapsichique» de Richet. Provou Crawford que a levitação não contrariava nenhuma lei científica.

Quanto à materialização, que tanto aborrece o sr. Pincher, sua prova científica não foi feita pelos espiritistas, mas por sábios como Crookes, que era físico, e Richet, fisiologista. Dois sábios que não se fecharam em posições dogmáticas, mas procuraram verificar o que havia a respeito de problemas tão complexos. Não é científica, como bem dizia E. Bozzano, a atitude dos que, em nome de princípios, negam os fatos que os contrariam. Estamos certos de que, se o sr. Pincher pensasse um pouco nessa afirmação de Bozzano, não continuaria a escrever contra a ciência que tanto ama, para acusá-la de mãe da superstição. Não obstante dialética, essa posição é muito incomoda para um homem que distribui pensamentos pelo mundo, através de agências jornalisticas. Porque o mundo, apesar dos pesares, está cheio de gente que conhece muita coisa que o sr. Pincher ignora.

Irmão Saulo

Crônica Estrangeira

AS BÍBLIAS DANÇAM NO AR

Temos a oportunidade de extrair da revista «La Astrosophie», de julho-agôsto último, que com muita competência é dirigida pelo sr. M. Francis Rolt-Whecler, doutor em filosofia, êste artigo que relata um caso preciso e interessante de assombração.

(N. D. L. R.)

Impossível ! Pasmoso ! Absurdo ! Mas real. O «poltergeist» tendo mais de mil casos rigorosamente controlados, permanece um mistério contínuo na tradição, um enígma no Espiritismo e um desafio total à Ciência.

O que vem a ser exatamente um «poltergeist» ? Lembro-me que a «Astrosophie» — vinte anos atrás — editou uma lista dos casos os mais famosos. O que me chocou no relato, era a grande variedade de fenômenos. Eu não previa que um dêsses casos, — um exemplo muito curioso em seu gênero — iria se apresentar à minha própria concepção.

Em descrição geral, um «poltergeist» é o nome dado a um grupo de fenômenos, quase sempre travessos, maliciosos ou destruidores, para os quais não é possível encontrar uma origem humana ou uma causa material. Os cobertores são arrancados dos leitos dos que dormem ; os pratos, as xícaras e todos os utensílios de cosinha giram no ar ou se lançam contra as paredes, para cair em mil pedaços, as portas fechadas à chave são abertas sem quebra da fechadura ; as grossas e pesadas pedras parecem sair do teto e se colocam sôbre o soalho, tão suavemente como o faria uma pena, e fácil seria alongar esta lista.

Todos êsses fenômenos que exigem uma fôrça material são de origem desconhecida. São atribuidos aos demônios, espíritos ou fantasmas («Geist» ou «Ghost»). Mas a destruição parece ter

curiosos limites. Os moradores de uma casa são às vezes ligeiramente contundidos pela louça que voa, mas não existe caso algum de morte. Pequenos incêndios nas casas (mesmo não existindo fogão), nenhuma aldeia, nenhuma casa de campo nunca foi completamente queimada. Não há senão quatro grandes «poltergeist» mencionados em igrejas, mas os presbitérios são frequentemente assombrados. O caso, bem recente, que se passou ante meu olhar, teve lugar na casa de um pastor. O seu registro foi feito pelo médico da localidade, e apareceu na excelente revista «Fate», de Londres.

Em certo domingo ensolarado, uma fôrça desconhecida (os espíritos), se manifestou na pequena povoação de Mon Bleu, Mississipe, no delta do grande rio, envolta por grandes plantações de algodão. A vida era bem pacífica nessa pequena vila, até 19 de Julho de 1959. Depois dessa data, os habitantes não param de se irritar contra seus misteriosos visitantes.

O grande pêndulo acaba de soar dez horas da manhã. O Reverendo Willis Booth, pastor da Igreja Metodista, estava em seu pequeno escritório de trabalho, em preparo de seu sermão. Sem ser erudito, Mr. Booth se orgulhava de possuir quatro Bíblias, e êle impressionava seus paroquianos humildes com a filologia. Êle conta:

«Eu estava a ponto de dizer à minha mulher para se apressar e não chegar tarde à igreja, quando ouvi um ruído de raspagem, e, mesmo encontrandome em meu quarto, pequenos seixos de cascalho cairam a meus pés. Voltei meus olhos para os barrotes — o quarto não tem fôrro — pensando que o ruído fôsse produzido por um rato. Mas sobreveio outro vôo de seixos quebrando um vidro da janela, e eu compreendi que isso não podia provir de um rato.

Um pequeno momento depois, o espelho, acima do fogão, estourou em mil pedaços, sem que o quadro se movesse.

Ao mesmo tempo a mesa caminhava e duas cadeiras cairam e emborcaram; o armário se inclinou para a frente a tal grau que as portas se abriram e todos os copos foram ao chão e se quebraram. Depois do que, mui lentamente, o armário voltou à sua posição.

As Bíblias levantaram vôo de minha pequena escrivaninha. Uma, a mais usada, fez a volta do quarto em um vôo grave; a segunda voava com rapidez; a terceira teve saltos; a grande Bíblia policromo se elevou da mesa à altura de alguns centímetros sòmente. As outras dançavam no ar. Na cozinha o forninho se eleva três vêzes e o cinzeiro se esvazia. Estando o fogo apagado, porque era a hora do culto. O barulho atraiu os fiéis que passavam, rumo à igreja, e em alguns minutos, uma quarentena de pessoas viram os estragos. Eu não vejo porque o Diabo ou seus asséclas vieram me atormentar!»

A Snr.ª E. M. Rymers, da paróquia, que passava no momento da manifestação, notou que, se os móveis mostravam arranhaduras, e que o soalho do salão estava juncado de fragmentos de porcelâna e vidro, o pastor e sua mulher estavam indenes. O soalho estava coberto de sugidade e de cinzas, mas não havia um vestígio de pó sôbre as roupas domingueiras do pastor e sua mulher.

Tudo retornou à ordem, o «poltergeist» só fizera uma única visita.

Stephan Molley

MÉDIUM QUE DESCOBRIU CADÁVER DE MOÇA ASSASSINADA REPETE A FAÇANHA

«Two Worlds»

Êle localiza o corpo de um médico desaparecido, depois do insucesso da polícia durante onze dias

Nelson G. Palmer, diretor escolar aposentado, de 62 anos de idade, médium Sul-Africano, por cujas faculdades foi encontrado, quatro mêses atrás, o corpo mutilado de uma moça assassinada, após o insucesso da investigação da polícia, repete a proeza.

Na semana passada sua mediunidade localizou o corpo de um médico, depois do insucesso da polícia durante onze dias.

O Dr. John William G. Phillips, de Princetown, onde mora Palmer, estava desaparecido desde 21 de dezembro. A última vez viram-no sair de sua casa à tarde. Seu corpo foi encontrado de acôr-

do com a indicação de Palmer, à distância de 500 jardas da casa do Dr., dentro de denso matagal.

Em 13 de dezembro o Dr. fôra acusado por crime de abôrto e intimado a prestar fiança de 2.000 libras e comparecer à polícia no dia 22 de dezembro, o que não fez. Dois dias depois foi expedida ordem de prisão.

Caiu em transe

No sábado da semana passada, Palmer foi procurado por um amigo da Snr.ª Phillips que lhe pediu tentar descobrir se o doutor ainda estava vivo.

«Eu entrei em transe e soube que o Dr. Phillips estava morto, mas naquela ocasião não fiz outras investigações», disse o médium.

Segunda-feira pela manhã, Palmer foi outra vez procurado e foi à casa do Dr. Phillips, com o objetivo de localizar o corpo.

«Entrámos no consultório do Dr. acompanhados pela Snr.ª Phillips, e comecei a meditar», disse êle.

«De posse de uma gravata que o Dr. usara pouco antes do desaparecimento, caí em transe e fui informado que seu corpo seria encontrado a 500 jardas da casa, direção nordeste».

«A princípio sòmente foi dito que seu corpo seria encontrado perto de um rio, mas depois foi dito que êle seria encontrado perto da confluência de dois córregos em densa mata».

Mas eram 4 horas e 15 da tarde, Palmer, um amigo médico e diversos amigos da Snr.ª Phillips bateram a área indicada pelo médium. Mas devido à noite e a densa floresta, foi abandonada a procura.

Continua a procura

Na terça-feira pela manhã, guiados pelo médium, quatro frades de um mosteiro local, W. T. Robson e um oficial do tráfego e mais cinco empregados da fazenda do mosteiro, continuaram a busca.

Os homens, durante quatro horas, procuraram na mata, quando, às 11 horas e 30 minutos, os irmãos Richard e Willibrid encontraram o corpo decomposto, debaixo de uma árvore.

Êle apenas estava uns 90 centímetros distante de um dos dois córregos mencionados por Palmer e 25 jardas de sua confluência.

A Snr.ª Phillips imediatamente foi notificada. O corpo foi removido pela polícia para o cemitério de Durban.

Quatro detetives da região e dois europeus estiveram investigando a área durante 11 dias, mas devido a densa mata e grande área a ação policial não teve êxito.

Palmer, ex-diretor escolar, que não é médium profissional e que também é dotado do poder de curar, foi o homem que, em outubro passado localizou o corpo assassinado de Joy Aken, de 18 anos de idade, depois da polícia ter varejada a região durante oito dias sem resultado.

Espiritismo no Brasil

Espíritas ducaxienses homenageam Kardec

Apática e semi-morta desde 1939, a União dos Espíritas de Duque de Caxias vem, deste 1959, despertando do ostracismo voluntário em que mergulhou para lançar-se ao campo do trabalho fecundo e revitalizante. Assim, da hibernação ao calor do meio dia, ressurgiu a entidade com estatutos novos e ideais condizentes com a missão histórica que lhe cabe como entidade diretora dos grupos kardecistas daquela cidade fluminense. E o faz, desta feita, dinamizada por êsse espírito irrequieto e valoroso que é Manoel Max das Dores, no dizer de Deolindo Amorim, espécie de locomotiva, cuja missão é puxar, ladeira acima, composição referta de esperanças.

O jornalista Antônio Pereira Guedes, Diretor do «O Almenara», que tão brilhantemente proferira a palestra de encerramento da «II Semana de Cairbar Schutel», foi o orador que abriu o certame, no dia 30 de outubro findo. Numa sucessão de tarefas que se desenrolaram com pontualidade e bri-

lho nas sedes das instituições filiadas, a União foi espargindo cultura e difundindo a Doutrina espírita no Grupo Espírita Joana Darc, com Narciso Machado; no C. E. Thiago Apóstolo, com Manoel Corrêa Duarte; na Associação Espírita Cairbar Schutel, com o prof. Newton de Barros; no C. E. Bezerra de Menezes, com Antônio Fortuna; na Mansão Divino Pastor, com Benone A. de Souza; no C. E. Caminheiros de Jesus, com o prof. Alberto Nogueira da Gama, e o encerramento com o prof. Átila de Castro, no suntuoso auditório do SESI.

Esteve presente e participou ativamente de tôdas as solenidades o Grupo da Fraternidade Ana Prado, cujas caravanas levaram sempre o entusiasmo de sua juventude. Suas manifestações de arte foram entusiásticamente aplaudidas, deixando aos visitantes, oriundos de outras cidades, viva impressão do progresso que o Espiritismo vem conquistando em Caxias.

À sessão de encerramento compareceu, representando a Federação Espírita Fluminense, o general Milton O'Reilly de Souza. Sua breve peroração despertou enorme simpatia e entusiasmo pela contribuição erudita que ofereceu e pela fraternidade que trouxe aos que já o consagraram como expressão legítima da cultura brasileira.

Recuperando aos poucos o terreno e tempo perdidos e se afirmando como instituição representativa dos kardecistas da cidade, a União dos Espíritas de Caxias deu curso, com aquelas atividades culturais e educativas, à superior missão de bem servir, preparando a seara donde brotarão empreendimentos novos que simbolizem o progresso espiritual do povo.

Ademar Constant

Duque de Caxias — Estado do Rio de Janeiro.

Almanaque d'«O Pensamento» para 1961

Acabamos de receber da Empresa Editora «O Pensamento» Ltda., Praça Almeida Junior, 100, São Paulo, esta popular publicação, que é a de maior tiragem de todo o Brasil.

Contém êste almanaque, excepcionais atrações: Horóscopos individuais, informações de grande utilidade sôbre agricultura, pecuária e avicultura, horas e dias favoráveis ou desfavoráveis durante o ano de 1961, mercado de gêneros e variações do câmbio, etc.

Tôdas essas matérias e muitas outras de grande interêsse estão enfeixados na elegante brochura de 200 páginas que constitue o **Almanaque d'O Pensamento de 1961.**

Gratos pela oferta do exemplar que nos foi oferecido.

10.ª Semana Espírita de Santo André

Patrocinada pela União Municipal Espírita de Sto. André, órgão das Sociedades Espíritas de São Paulo, realizou-se naquela localidade, de 13 a 20 de Novembro p. p., a 10.ª Semana Espírita de Sto. André, sendo desenvolvido o seguinte programa:

«Dia 13, domingo, às 15 horas, abertura solene na Casa de Solidariedade e Beneficência, à Av. Artur de Queiroz, 408, (Centro). Oradores especialmente convidados: Altivo Ferreira e Prof.ª Luiza P. Camargo Branco.

Dia 14, segunda feira, às 20 horas, na Casa de Solidariedade e Beneficência, à Av. Arthur de Queiroz, 408. Orador: Wilson Ferreira de Mello.

Dia 15, terça feira, às 15 horas, à rua Timor, 331, na Fazenda da Juta, sede do C. Esp. Cabana do Pai Preto. Oradora: Nancy Pulmann.

Dia 16, quarta feira, às 20 horas, em S. Bernardo do Campo, no Centro Espírita Emmanuel, à R. Humberto de Campos n. 4. Oradores: José João Cabrera e José Correia Gomes.

Dia 17, às 20 horas, na Casa de Solidariedade e Beneficência, à Av. Arthur de Queiroz, 408. Orador: Prof. Emílio Manso Vieira.

Dia 18, sexta-feira, às 20 horas, à rua Manaus, 428, Vila Alzira, na sede do Centro Espírita «Redentor». Orador: Antônio Pereira.

Dia 19, sábado, 19,00 horas, na Casa de Solidariedade e Beneficência (Patrocínio da União da Mocidade Espírita de Santo André). Festival litero-musical. Oradores: Valeria Steagal e Paulo de Toledo Machado.

Dia 20, domingo. Encerramento Solene: às 9,00 horas da manhã, na Abrigo dos Velhos (Inst. Assistencial Nosso Lar), Rua dos Coqueiros, 292. Visita, recepções e café, às 14,00 horas. Obras novas do Abri-

go de Velho, Jardim Bom Pastor, no Ponto Final Ônibus do Bairro Festival. Orador: Dr. Luiz Monteiro de Barros.»

— Gratos pelo convite que nos foi endereçado, esperamos que referida Semana Espírita de Santo André tenha obtido pleno êxito no fim almejado.

A «Nova Era»

Órgão espírita, de propriedade da Casa de Saúde Allan Kardec, de Franca, completou 33 anos de publicidade, pois o seu primeiro número saiu a lume em 15 de novembro de 1927.

Foi seu fundador José Marques Garcia, já pertencente ao Mundo dos Espíritos.

A imprensa foi sempre a poderosa alavanca que ergue os grandes ideais, e, se de um lado tem desafetos que procuram entravar-lhe a marcha, de outro tem amigos dedicados que a sustentam na arena da luta, onde a razão tudo vence.

Os integrantes da «Nova Era» são os seguintes confrades:

Dr. Tomaz Novelino — Diretor: Vicente Richinho — Gerente e Dr. Agnelo Morato — Redator.

A todos êsses denodados confrades, os nossos melhores votos de paz e felicidade. Porfiai, amigos, que a vitória é certa e recebereis a recompensa de acôrdo com o que produzistes.

De Americana

Da Diretoria do Centro Espírita «Amor e Caridade» recebemos amável convite para assistirmos às comemorações de instalação e inauguração de seu departamento Lar Escola «Monteiro Lobato», próximo ao Serviço de Águas da Municipalidade, o que se verificou dia 27 de novembro p. p., e que constou do seguinte programa:

«Inauguração de placa comemorativa: Homenagem à Família Abdalla, Corte de fita simbólica e instalação da sessão solene pelo Snr. MM. Juiz de Direito da Comarca — Dr. Agnaldo Santos.

Palestra e Tema: «Vida e Obra de Monteiro Lobato» pelo Snr. Dr. Jessyr Bianco.

Números artísticos pelos elementos da Mocidade Espírita de Americana.

Palestra e Tema: «Espiritismo e Assistência à Infância Desamparada», pelo Snr. Dr. Jonny Doin.

Encerramento pelo Diretor.»

— Gratos pelo convite, desejamos ao novo departamento a indispensável assistência dos bons Espíritos, para que produza frutos abundantes, colimando assim ao fim a que se destina.

SALVA PELO ESPÍRITO DA PRÓPRIA MÃE

TAPES, 9 (C. P.) — Conforme notícia publicada no semanário «O Camaquã», jornal que se edita na vizinha cidade que lhe empresta o nome, um fato deveras monstruoso, ocorrido em Dom Feliciano, distrito de Encruzilhada do Sul, repercutiu dolorosamente em Tapes. É a seguinte a nota publicada na edição de 6 do corrente, nas páginas de «O Camaquã»:

«Chegou ao conhecimento da reportagem um fato monstruoso acontecido na vizinha vila de Dom Feliciano, município de Encruzilhada do Sul. Uma criança, ou melhor, uma menina de apenas sete anos de idade teria sido «enjaulada», à míngua, pelo próprio pai, para que morresse de fome, escapando desta forma aos direitos hereditários que lhe cabiam na sucessão materna.

O fato, segundo soubemos, aconteceu há mais ou menos dois mêses, quando a referida menina desapareceu da convivência social, no ambiente de

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, no próximo ano, os preços de assinaturas da Revista passarão a ser os seguintes:

ANO, Cr. $ 150,00. — SEMESTRE, Cr. $ 80,00.

Dom Feliciano, sendo descoberta em princípios de Julho último. A menina, cujo nome não apurámos, é filha do viúvo Antônio Petikowski, casado em segundas núpcias com a viúva Amélia Galvinski. O novo par, arquitetando o macabro plano, encerrou sua pequena vítima num porão, juntamente com alguns coelhos de criação. Ali permaneceu a inocente vítima por alguns dias.

A morte, entretanto, não ocorria, pois a vítima, esfomeada, alimentava-se das migalhas e da água que eram atiradas aos coelhinhos. Prevendo a não consumação do crime, os desnaturados, pai e madrasta, retiraram dali a menina, para enjaulá-la num cubículo, deixando-a completamente sem alimentação.

Ocorre que a menina era conhecida e estimada pelos vizinhos. Um funcionário do DAER, do qual não possuímos o nome, era o padrinho da infeliz vítima. Dando falta da pequena, interpelou o pai, sendo-lhe respondido que a menina estava hospitalizada em Porto Alegre.

Passaram-se muitos dias, até que, numa noite, o padrinho teve um sonho. No sonho, a mãe da pequena, sua comadre, já falecida, apareceu, dizendo ao compadre que levasse alimento para a menina, que estava necessitando, e passando intensa fome. A princípio o compadre não ligou ao fato, mas, por mais duas noites, o sonho voltou com a mesma intensidade. Resoluto, o padrinho foi ter com o pai da mesma, interpelando-o sôbre o paradeiro da filha.

Novamente lhe foi dito que a menina se encontrava hospitalizada em Porto Alegre. Desconfiando da informação, pois que ninguém sabia da pseudodoença da criança, êste funcionário do DAER foi ter com a autoridade policial do distrito, sr. Catulino Rosa, contando o fato. Catulino Rosa e mais algumas pessoas foram à casa de Petikowski, sendo por êste negada uma revista em sua residência. Insistindo, a autoridade procedeu à revista, deparando com o quase cadáver da garôta, encerrado num quarto, já inerte e sem fôrças, pesando. segundo dizem, apenas nove quilos. Imediatamente foi solicitado recurso da sede do município de Encruzilhada do Sul, tendo comparecido ao local o Juiz de Direito, que verificou a macabra ocorrência.

Antônio Petikowski foi detido pela Polícia. A vítima foi transportada para o Hospital de Encruzilhada, recebendo carinhoso tratando médico, a fim de restaurar suas fôrças perdidas.

Os monstros serão certamente devidamente autuados e responderão pelo crime premeditado que praticavam, felizmente interrompido, graças à atuação do padrinho da menina, ao responder ao «chamamento» que lhe foi dirigido, em sonho, pela mãe verdadeira da inocente vítima».

(Extraído de «Reformador», de novembro).

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que se acham em débito para com esta Revista, o obsequio de saldarem os mesmos até o fim dêste mês de Dezembro. Àquêles que não atenderem a êste nosso apêlo, seremos forçados a suspender a remessa da Revista.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Outubro de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial, declara abertos os trabalhos e empossa, como representante da Federação Espírita Pernambucana, o Conselheiro Tenente Coronel Luiz de Oliveira e Souza. Manda ler, a seguir, a ATA do mês de setembro, que é aprovado. Relatando ocorrências de interêsse da Doutrina, comunica que foi visitado, na F. E. B. e em sua residência particular, pelos confrades Dante Culzone e Natálio Ceccarini, Delegados da Confederação Espírita Argentina ao 5.º Congresso Espírita Pan-Americano, a

realizar-se no MÉXICO, aos quais agradeceu, em carta, a visita à F. E. B. e pediu transmitissem aos irmãos do Continente Americano, presentes ao Congresso, as melhores saudações dos espíritistas do Brasil, desejando ainda êxito completo quanto aos princípios da Doutrina Espírita à luz da moral cristã e da filosofia reencarnacionista. Por fim, comunica a desencarnação do Confrade F. V. da Rocha Garcia.

GUANABARA — O Conselheiro Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Estado da Guanabara, informa que o Departamento de Juventude da Liga vem promovendo Semanas Espíritas no Estado e colaborando com atividades idênticas no Estado do Rio.

PARÁ — O Conselheiro Ramiro Gama informa que a Federação Paraense, pelo «Lar de Maria», inaugurou sua Livraria Espírita e que comemorará a Semana da Criança Espírita, êste mês.

MINAS GERAIS — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf apresenta relatório da União Espírita Mineira, consignando o perfeito êxito da Segunda Concentração Regional Espírita do Estado de Minas, e anuncia atividades da União, de colaboração com a Casa de Ismael, no setor de livros.

Após falarem alguns Srs. Conselheiros, sôbre assuntos vários, o Presidente, feita a prece final pelo representante do Paraná, encerra a reunião, às dezesseis horas.

—

Súmula da ATA da reunião ordinária, realizada em 5 de Novembro de 1960

Á hora regimental, profere o Presidente a prece inicial, declara abertos os trabalhos e manda ler a ATA anterior, que é aprovada. Comentando fatos de interêsses da Doutrina, o Presidente lê uma carta do confrade Dr. Natálio Ceccarino, acompanhada de uma cópia das «Conclusões» do Congresso Espírita Pan-Americano, realizado no México. No expediente é lida uma comunicação da Federação Paranaense sôbre a realização, em Janeiro próximo, da Confraternização de Orientadores Espíritas da Infancia e Juventude, daquele Estado.

SÃO PAULO — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva comunica que a USE publicará, em «UNIFICAÇÃO», o seu pensamento a respeito das Concentrações de Mocidades Espíritas.

RIO DE JANEIRO—O Conselheiro Comandante Walter de Souza Mascarenhas fala de suas observações pessoais sôbre o movimento espírita nos Estados do Sul do Brasil e discorre sôbre os planos das obras sociais projetados pela Federação Espírita Fluminense.

RIO GRANDE DO SUL — O representante, Conselheiro Francisco Thiesen, fala sôbre a realização, pela Federação Gaúcha, de Concentrações Espíritas em Santa Maria, Livramento, São Borja, Carazinho, Vacaria, Rio Grande e Porto Alegre, com assistência notável e excelentes resultados, e anuncia a realização, em Janeiro vindouro, do Seminário Espírita, em Porto Alegre.

Após comentários do Conselheiro Ismael Gomes Braga sôbre o Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres, é feita a prece final pelo representante da Federação Sergipana e encerrada a reunião, às 16 horas.

REGIMENTO INTERNO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATÃO

A Redação desta Revista foi distinguida com a oferta de um exemplar do *Regimento Interno*, Decretado e Promulgado pelos Vereadores da Câmara Municipal de Matão, da qual é Presidente o Exmo. Snr. José Tortorello e Secretário o Snr. Geraldo Monazzi. Esta Resolução entrou em vigor na data de sua aprovação, a 12 de Outubro de 1960.

Mencionado exemplar nos foi remetido acompanhado por um cartão de cumprimentos, assinado pelo digno Presidente da Edilidade, Exmo. Snr. José Tortorello, a quem externamos nossos agradecimentos.

O Espiritismo não tem sacerdotes, nem ritual, nem anátemas : O seu templo é o Universo, o seu culto a Virtude e o seu ideal a Perfeição. — A. L. VILELA

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 160,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 70,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO